

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

ROCHANE CARVALHO ANJOS GOMES

**JORNALISMO OU DRAMA FICCIONAL:**  
uma análise do podcast *A Mulher da Casa Abandonada*

Porto Alegre  
2023

ROCHANE CARVALHO ANJOS GOMES

**JORNALISMO OU DRAMA FICCIONAL:**

uma análise do podcast *A Mulher da Casa Abandonada*

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Sandra de Fátima Batista de Deus

Porto Alegre

2023

ROCHANE CARVALHO ANJOS GOMES

**JORNALISMO OU DRAMA FICCIONAL:**

uma análise do podcast *A Mulher da Casa Abandonada*

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2023.

Banca Examinadora:

---

Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra de Fátima Batista de Deus – UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aline do Amaral Garcia Strelow – UFRGS

---

Prof. Dr. Maikio Barreto Guimarães – Faculdade São Francisco de Assis

*“A dor dos judeus choca, a nossa gera piada”*

Bang! - Emicida

## AGRADECIMENTOS

*Quem cede a vez não quer vitória*

*Somos herança da memória*

*Temos a cor da noite*

*Filhos de todo açoite*

*Fato real de nossa história*

*Identidade - Jorge Aragão*

Mesmo com inúmeros percalços que cercaram todo o meu percurso na graduação, apesar de tentar ser barrada por esta instituição, eu posso dizer que consegui. Mas não sozinha. Antes de mim existiram muitas pessoas a quem eu devo agradecimentos. Obrigada aos que lutaram por uma educação básica pública de qualidade. Gratidão pelos que não descansaram em garantir uma lei de cotas justa em um país tão desigual. E, principalmente, agradeço aos meus que não descansam até hoje para que eu possa continuar aqui me dedicando ao estudo, única arma de uma jovem negra e periférica.

Uma vez me perguntaram, em uma entrevista de emprego, o que eu mais me orgulhava na vida. Uma difícil pergunta para uma jovem de 19 anos que acreditava não ter vivido o suficiente para responder. No entanto, eu afirmei que o que mais me orgulhava era saber que eu tinha sido a primeira pessoa da minha família a ter acesso a uma graduação e que a partir dali eu poderia dizer às minhas irmãs, primos e demais familiares que era possível. Esse espaço também é nosso. Me sinto feliz em poder dizer que isso de fato aconteceu. Depois de mim, tivemos mais três ingressos em universidades federais. Que esse número se multiplique cada vez mais nas famílias de todas as Rochanes que existem por aí.

Agradeço à minha mãe, Roselaine, que garantiu através de muito esforço e trabalho que eu pudesse me dedicar integralmente aos estudos por vários anos. Da maneira que pode, me incentivou a continuar. Me entregou todas as ferramentas que eu precisava. Nós conseguimos, mãe. Agradeço às minhas irmãs, Mahya, Luany e Luiza Caroline por terem me ajudado a passar de maneira mais leve pela graduação e por terem lido incontáveis textos meus, na intenção de me certificar que a ideia estava clara. Obrigada best sis, por terem coberto todas as tarefas que eu deixei de fazer em razão de algum trabalho. Sou grata também aos demais familiares que

sempre acreditaram em mim e no meu potencial, que por vezes eu mesma questioneei.

Agradeço aos professores da FABICO que permitiram uma formação plena, compartilharam saberes e experiências, principalmente em um dos piores momentos para jovens decidirem se tornar jornalistas. Além disso, quero expressar o meu máximo respeito e admiração à minha orientadora, Sandra de Deus, que me ajudou a tornar a jornada do TCC mais leve. Foi ela quem atendeu aos meus chamados de desespero em relação à escrita, mesmo que para isso precisasse parar de assistir uma partida do Internacional em um sábado à tarde. Obrigada, Sandra, por segurar a minha mão e sempre me lembrar que era possível. Que você siga sendo inspiração para os alunos da FABICO.

Muito obrigada aos colegas de profissão que dedicaram parte de seu tempo para ensinar algo para uma jovem recém chegada às redações. Partilhar a rotina com vocês foi fundamental para me tornar uma profissional melhor.

Aos meus amigos, agradeço por terem percorrido o longo caminho da faculdade ao meu lado, divido risadas e choros, felicidades e angústias. Sem vocês e sem as fofocas que partilhamos nos nossos grupos eu não teria forças para seguir. Os de verdade vocês sabem quem são. Agradeço a minha amiga Pâmela Maidana, que me acompanhou e incentivou nas noites em claro por causa de eventuais inseguranças durante este trabalho. A troca que tivemos foi essencial para obtenção deste êxito. Por fim, agradeço a minha amiga Geovana Benites. Obrigada por ser minha editora, psicóloga, conselheira e companheira de caminhadas sem rumo na Cidade Baixa. Serei sempre grata por termos ido de uma conversa desajeitada no ônibus à uma amizade que troca pelo olhar.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar os critérios de noticiabilidade do podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, produzido pela Folha de S. Paulo. Para atender este propósito, avalia-se os aspectos presentes na produção e divulgação da série buscando entender se há dispersão do foco jornalístico. Para esse intuito são abordados conceitos de podcasting, jornalismo investigativo, narrativa e critérios de valores que permitem compreender quais estratégias foram utilizadas e de que forma a história de uma brasileira fugitiva da polícia federal norte-americana foi conduzida. Emprega-se como metodologia a análise de conteúdo teorizada por Laurence Bardin (2009). A partir da observação dos sete episódios da série, identifica-se que o podcast utiliza 6 dos 22 valores-notícia sistematizados por Nelson Traquina (2013) e se caracteriza como uma produção baseada na técnica do storytelling. Verifica-se que, apesar de se autodefinir como um caso investigativo, peca em executar métodos que baseiam a boa prática da investigação jornalística, conforme passos explicados por Leandro Fortes (2012).

**Palavras-chaves:** jornalismo; critérios de noticiabilidade; podcasting; narrativa; *A Mulher da Casa Abandonada*

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the newsworthiness criteria of the podcast *A Mulher da Casa Abandonada* (The Woman in the Abandoned House, in English), produced by Folha de S. Paulo. To serve this purpose, the aspects present in the production and dissemination of the series are evaluated, seeking to understand whether there is a dispersion of the journalistic focus. For this purpose, concepts of podcasting, investigative journalism, narrative and news values are addressed, which allow us to understand which strategies were used and how the story of a Brazilian woman who ran away from the US federal police was conducted. The content analysis theorized by Laurence Bardin (2009) is used as a methodology. From the observation of the seven episodes of the series, it is identified that the podcast uses six of the 22 news values systematized by Nelson Traquina (2013) and is characterized as a production based on the storytelling technique. It appears that, despite defining itself as an investigative case, it fails to implement methods that are based on the good practice of journalistic investigation, as explained by Leandro Fortes (2012).

**Keywords:** journalism; newsworthiness; podcasting; narrative; *A Mulher da Casa Abandonada*



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Aplicação dos valores-notícia de Nelson Traquina.....	55
---	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. PODCAST, RÁDIO E CONTAR HISTÓRIAS.....</b>	<b>16</b>
2.1 Rádio e jornalismo.....	16
2.2 Podcast.....	19
2.3 Narrativa.....	23
<b>3. JORNALISMO INVESTIGATIVO E CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE ....</b>	<b>27</b>
3.1 Jornalismo investigativo.....	27
3.2 Critérios de noticiabilidade.....	31
3.2.1 Valores-notícia de seleção.....	33
3.2.2 Valores-notícia de construção.....	35
<b>4. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>37</b>
4.1 Apresentando a <i>Folha de S. Paulo</i> .....	37
4.2 Apresentando <i>A Mulher da Casa Abandonada</i> .....	39
4.3 Análise de conteúdo como método.....	41
<b>5. O JORNALISMO E O PODCAST A MULHER DA CASA ABANDONADA... </b>	<b>45</b>
5.1 A Mulher .....	45
5.2 A Casa .....	46
5.3 Uma Rua em Silêncio .....	48
5.4 Uma Mulher e um Homem Livres .....	49
5.5 Outras Tantas Mulheres .....	50
5.6 Um Fim que Não É Bem um Fim .....	52
5.7 A Mulher da Casa Abandonada.....	54
5.8 Critérios utilizados e desfechos .....	55
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O jornalismo detém uma série de obrigações e deveres, entre eles o de mostrar assuntos complexos permitindo que tais temas entrem na esfera pública e sejam discutidos pela sociedade. No entanto, deve o fazer com objetivos claros e éticos. O jornalismo cria ambientes e esses ambientes trarão as complexidades de cada tema a depender da maneira como forem abordados. A escravidão contemporânea<sup>1</sup> é um exemplo. Cabe aos jornalistas reportarem os casos de maneira responsável para que objetivos positivos sejam alcançados.

O Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão. Fez isso apenas em 1888, mas ainda hoje pessoas são vítimas desse regime. Segundo Lisboa<sup>2</sup> (2022), em Agência Brasil, de janeiro a junho de 2022, a Justiça do Trabalho brasileira julgou 993 processos de reconhecimento de relação de emprego em que havia trabalho em condições análogas às de escravidão, segundo levantamento do Tribunal Superior do Trabalho (TST). E além dos processos em que já houve decisão, havia 1.078 à espera de julgamento. No Rio Grande do Sul, de acordo com Malinoski<sup>3</sup> (2022), em GZH, o número de pessoas resgatadas destas condições de trabalho aumentaram 214% nos cinco primeiros meses de 2022 em relação ao mesmo período de 2021. Foram 107 pessoas resgatadas de condições análogas à escravidão entre 1º de janeiro e 22 de maio de 2022. A média é de 21,4 casos por mês. No mesmo período do ano anterior, foram 34 trabalhadores resgatados.

Mais recentemente, uma operação, em fevereiro de 2023, resgatou 207 homens vivendo em condições de trabalho semelhantes à de escravos no município de Bento Gonçalves, no estado gaúcho. O caso, que ganhou repercussão nacional, foi o maior registrado na história do Estado. Com o episódio de Bento, 2023 já é o

---

<sup>1</sup> A escravidão contemporânea no Brasil é definida por Leonardo Sakamoto (2020) como um instrumento adotado por empresas ou pessoas para garantir lucro fácil e competitividade em um economia cada vez mais global. Além disso, o autor destaca também as condições desumanas de serviço às quais os trabalhadores são submetidos, sendo impedidos de romper relações com o empregador mediante a ameaças de torturas psicológicas, espancamentos e até assassinatos.

<sup>2</sup> Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2022-07/casos-de-trabalho-escravo-julgados-em-2022-no-brasil-ja-sao-quase-mil> Acesso em: 10 mar. 2023.

<sup>3</sup> Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2022/05/numero-de-pessoas-resgatadas-de-condicoes-analogas-a-escravidao-aumenta-214-no-rs-cl3lxwlo1006r019ykrh564z.html> Acesso em: 10 mar. 2023.

ano com o maior número de trabalhadores resgatados de situação análoga à escravidão no Rio Grande do Sul<sup>4</sup>. É importante destacar que deixaremos de apontar outros casos atuais que continuam sendo noticiados durante a elaboração desta pesquisa. Estes dados nos mostram que, ao invés de uma evolução positiva, a situação vem ficando cada vez pior. Esta é a premissa social em que este estudo está inserido.

Um caso de trabalho análogo a escravidão é o pano de fundo do objeto de pesquisa desta monografia. O podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, produzido pela Folha de S. Paulo. A série narra a história de uma brasileira que vive em uma mansão abandonada de São Paulo depois de ter fugido de um julgamento nos Estados Unidos. Ela era suspeita de ter submetido a empregada doméstica, uma mulher negra, a trabalho análogo a escravidão por 20 anos. O material é um radiodocumentário de jornalismo investigativo e narrativo que teve grande repercussão, nem toda direcionada ao ponto chave da história. Portanto percebemos a necessidade de entender sobre como a prática de contar uma história pode gerar desdobramentos inesperados.

A dramatização da violência contra personagens historicamente marginalizados diverge da ideia de inclusão desses pares após o abuso. A complexidade de recontar um crime exige uma abordagem qualificada e ética, dever no campo da comunicação. Apesar de qualquer que seja a conclusão sobre a narrativa utilizada no podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, Bettoni<sup>5</sup> (2022), em Folha de S. Paulo, afirma que as denúncias de trabalho doméstico análogo a escravidão aumentaram 123% desde a publicação da série. Diante disso, a relevância desta pesquisa se dá ao propor que analisemos a forma como este tema, de suma importância para a conjuntura brasileira atual, é tratado em produtos jornalísticos. Já que, segundo Gisele Reginato (2016), uma das finalidades do jornalismo é defender o cidadão, apresentando seus direitos e afirmando que eles devem ser cumpridos. Ao jogar luz sobre assuntos como este, a imprensa cumpre com o seu dever, mas isto deve ser feito de forma qualificada.

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2023/03/com-caso-de-bento-2023-ja-e-o-ano-com-maior-numero-de-trabalhadores-resgatados-de-situacao-analoga-a-escravidao-no-rs-cleppq5vn002v016muighuotx.html> Acesso em: 12 mar. 2023.

<sup>5</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/07/denuncias-de-trabalho-escravo-domestico-duplicam-a-pos-lancamento-de-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml> Acesso em: 10 mar. 2023.

Trabalho doméstico e as condições laborais que pessoas, principalmente mulheres pretas, são submetidas para garantir o sustento de seus lares são temas que sempre estiveram presentes em mim<sup>6</sup>. Sou neta de uma empregada doméstica que usou esta ocupação para sustentar seus oito filhos. Sou filha e sobrinha de mulheres pretas que, por muito tempo, conquistaram a sua renda mantendo o lar de outras pessoas limpo e organizado, já que foi a função que puderam exercer. Então, querer que elas e os demais indivíduos nessa posição tenham garantido o direito à dignidade é crucial. Não apenas no trabalho, mas também na forma como este assunto é retratado no jornalismo, minha área de atuação. Portanto, meu interesse nesta pesquisa se baseia na possibilidade desse tema ter sido banalizado, de existir a possibilidade de que a história de uma mulher negra, que foi escravizada por 20 anos, tenha sido colocada em segundo plano por quem ouviu o podcast como uma consequência da maneira como ele foi jornalisticamente produzido.

Partindo disso, e considerando o enfoque temático do estudo, levantamos alguns questionamentos: como uma investigação de um crime real pode ser transformada em entretenimento? É preciso se atentar a que sentidos são mobilizados ao utilizar qualquer tipo de estratégia narrativa? Um jornalista tem responsabilidade sobre como o público recebe um conteúdo? Reunimos todas estas indagações em um problema mais amplo para a pesquisa, definido em: existem elementos que justificam e sustentam a narrativa do podcast *A Mulher da Casa Abandonada*? Para responder a este problema o objetivo geral deste estudo é identificar se foram utilizados critérios de noticiabilidade na construção da investigação jornalística. Para tanto, será necessário analisar os aspectos presentes na produção e divulgação da série pela Folha de S. Paulo e avaliar como o podcast permitiu (ou não) a dispersão do foco jornalístico.

Por ser um balizador da prática jornalística no âmbito acadêmico, os critérios de noticiabilidade costumam ser acionados com frequência durante as pesquisas científicas no campo da comunicação. Na mesma onda, o avanço do podcasting como linguagem radiofônica<sup>7</sup> cada vez mais presente na vida das pessoas como fonte de informação e entretenimento, também faz com que o tema borbulhe

---

<sup>6</sup> A justificativa de caráter pessoal será escrita em primeira pessoa por fazer mais sentido à autora.

<sup>7</sup> Que é caracterizada por Luiz Artur Ferraretto (2014) por integrar o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, que podem atuar de maneira isolada ou combinada entre si de diversas formas. Ainda segundo o autor, cada um desses elementos contribui com características próprias para a elaboração da mensagem, sendo a partir dessas possibilidades e limitações que se constituem forma e conteúdo.

questionamentos e conseqüentemente monografias. Ressaltando isso, este estudo se justifica, no campo epistemológico, por termos identificado uma área promissora de análise para correlacionar os temas: critérios de noticiabilidade e mídias sonoras, principalmente se tratando de jornalismo investigativo, algo que ainda não é explorado com veemência. Evidenciamos essa incidência através de uma busca realizada, durante o período de 25 de agosto de 2022 a 14 de março de 2023, em bancos de dados acadêmicos para entender os campos de estudo e objetos que se assemelham ao tema. Nessa busca consultamos o Banco de Teses e dissertações da Capes, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o repositório Lume da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Repositório da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o Repositório Digital da Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), os anais da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e, por fim, os anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), nos anos de 2017 até 2022.

A partir das buscas encontramos teses, artigos e dissertações que se relacionam com a temática de pesquisa deste projeto. Algumas análises se assemelham diretamente com o problema proposto aqui, tratando de observações sobre elementos jornalísticos presentes em mídias sonoras, storytelling e podcast como gênero jornalístico. Já outros trabalhos tratam sobre elementos que se interseccionam, mesmo que de forma isolada, com esta pesquisa. Por exemplo, as técnicas de jornalismo investigativo e o mercado do podcasting no Brasil. Apenas uma produção que abordou o mesmo objeto de análise, o podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, foi encontrada.

Das pesquisas que se destacaram durante a imersão no estado da arte, o primeiro foi um Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Podcasting e Jornalismo: Uma Análise do Programa Mamilos*<sup>8</sup>. A monografia, de autoria de Diana Corti Pulga (2019), tinha como objetivo estabelecer se o Mamilos é um programa jornalístico, de acordo com critérios pré-estabelecidos. Destacamos também, *O Uso do Storytelling no Radiojornalismo Narrativo: um Debate Inicial para Podcasting* - um artigo, de Luana Viana (2020), que buscava iniciar um debate sobre o uso da técnica storytelling para podcasts de radiojornalismo narrativo. O trabalho concluiu que era possível observar, com base nas características do rádio e da mídia sonora, que

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/200311> Acesso em: 27 fev. 2023.

havia um terreno propulsor para o desenvolvimento do storytelling<sup>9</sup>. O terceiro trata-se de uma dissertação defendida por Mariana Galvão Noronha (2017) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, intitulada *As Especificidades do Jornalismo Investigativo: um estudo sobre o processo de produção jornalística investigativa*. O texto, como o título sugere, se propõe a discutir o processo de produção do jornalismo investigativo com a intenção de verificar especificidades nesta construção<sup>10</sup>. Por fim, destacamos ainda o artigo *A mulher e a casa investigadas: notas sobre o “narrador detetive” em podcasts de true crime*<sup>11</sup>, única produção que tem o podcast da Folha de S. Paulo como objeto de estudo. O trabalho foi publicado nos Anais da Intercom com autoria também de Luana Viana (2022) e coautoria de Carlos Jáuregui (2022).

Para melhor compreensão do percurso realizado, esta pesquisa será apresentada ao longo de seis capítulos, sendo o primeiro esta introdução. Para contextualizar o segmento comunicacional em que o objeto de estudo está inserido, mobilizaremos no segundo capítulo autores como Lucio Luiz e Pablo de Assis (2010) que trazem importantes informações sobre a mídia podcast, Marcelo Kischinhevsky (2018; 2022) que traz noções sobre o radiojornalismo narrativo, Karenine da Cunha e Paulo Mantello (2014) que imergem no campo do storytelling e, por fim, Michele Negrini e Alexandre Rossato Augusti (2013) que fecham o capítulo discorrendo sobre aspectos da espetacularização na comunicação.

Para o terceiro capítulo vamos empregar como principal referencial teórico os valores-notícia de Nelson Traquina (2013), atrelado a noções de jornalismo investigativo apontadas por Leandro Fortes (2012), que nos ajudarão a entender algumas linhas que guiam as produções jornalísticas e a compreender o porquê de as coisas serem como são. O quarto capítulo desdobrará o percurso metodológico a ser usado nesta pesquisa, uma análise de conteúdo seguindo os métodos desenvolvidos por Laurence Bardin (2009). Além disso, nesta seção também serão expostos com detalhes o objeto de estudo, com dados sobre a sua repercussão e detalhes sobre a sua estreia, e a história da Folha de S. Paulo desde os primeiros

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321> Acesso em: 31 de ago. 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEPG\\_4c2310f264ed296b826627d543f811ec](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEPG_4c2310f264ed296b826627d543f811ec) Acesso em: 31 ago. 2022.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202210191962d800d7a86c0> Acesso em: 14 mar. 2023.

dias de operação até a maneira como o jornal se estrutura editorialmente hoje em dia. No quinto capítulo, vamos nos debruçar no *corpus* selecionado a partir de critérios previamente estabelecidos e faremos a aplicação de todos os conceitos apreendidos até então. Por fim, apresentamos nossas considerações finais, respondendo se existem critérios de noticiabilidade no podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, da Folha de São Paulo, e como a construção impactou a repercussão da narrativa.



## 2 O RÁDIO, O PODCAST E O CONTAR HISTÓRIAS

Consequência da convergência tecnológica entre o rádio e a internet, o podcasting é uma forma de redefinição que altera a recepção radiofônica, com desdobramentos relevantes no jornalismo e no entretenimento. Antes de detalharmos as definições e potencialidades dessa nova mídia, contextualizamos de maneira breve onde tudo começou. Neste capítulo iremos abordar o surgimento do rádio, bem como as transformações radiofônicas criadoras do podcasting e, por fim, trataremos sobre a narrativa jornalística, em especial o storytelling.

### 2.1 Rádio e jornalismo

De acordo com Luiz Artur Ferraretto (2001), a tecnologia radiofônica se originou aproximadamente em 1830. De lá até o final da década de 1910, a tecnologia a ser empregada no rádio se aprimorou com base nas pesquisas sobre a existência de ondas eletromagnéticas e nos avanços obtidos a partir do telégrafo e do telefone. O autor define o rádio como um:

Meio de comunicação que utiliza emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir a distância mensagens sonoras destinadas a audiências numerosas. A tecnologia é a mesma da radiotelefonia (ou seja, transmissão de voz sem fio) e passou a ser utilizada, na forma que se convencionou chamar de rádio, a partir de 1916, quando o russo radicado nos Estados Unidos David Sarnoff anteviu a possibilidade de cada indivíduo possuir em sua casa um aparelho receptor. (FERRARETTO, 2001, p. 23)

Importante salientar que, embora se pense que a invenção do rádio seja mérito individual, a radiodifusão sonora é resultado do trabalho de vários pesquisadores de diversos países ao longo de anos. A motivação para tal criação veio da necessidade histórica da transmissão de mensagens a distância sem o contato entre emissor e receptor (FERRARETTO, 2001). Como o autor explica, o rádio foi desenvolvido para atender um público numeroso. Com isso, possui características que o definem como meio de comunicação de massa: tem uma audiência ampla, heterogênea e anônima. Além do mais, a mensagem é definida por uma média de gosto e quando transmitida tem um baixo retorno.

Historicamente, há cerca de 100 anos o Brasil tinha contato com a primeira transmissão oficial de rádio, durante o centenário da Independência. Em 7 de setembro de 1922 foi veiculado o discurso do presidente da República da época,

Epitácio Pessoa. Do Rio de Janeiro, onde estava Pessoa, ele pôde ser escutado através de aparelhos receptores instalados em Niterói, Petrópolis e São Paulo. Tantos anos depois, o rádio continua evoluindo e se atualizando cada vez mais. De acordo com Valci Regina Mousquer Zuculoto (2012) o rádio tem uma série de características próprias e específicas que não nasceram junto com o veículo rádio, mas que foram sendo descobertas, se evidenciando e se moldando durante o longo processo de adaptações da radiofonia. Portanto, ainda segundo a autora, não estavam presentes de maneira integral ou não eram reconhecidas quando o rádio se instalou no Brasil.

Entre as características destacadas como vantagem do rádio em relação a outros meios de comunicação estão a linguagem única e o sentido único, a mobilidade, o imediatismo, a penetração abrangente, o baixo custo e a sensorialidade, sendo as duas primeiras as decisivas na potencialidade do rádio. A mobilidade permite que o rádio possa estar presente em qualquer lugar com uma maior facilidade, sem a necessidade de muito aparato técnico como no caso da televisão, trazendo agilidade na divulgação das notícias em primeira mão. Já pelo lado do receptor, a mobilidade permite que se possa ouvir as informações do rádio de qualquer lugar, como no carro ou no estádio de futebol, pois a falta de conexões diretas, fios ou cabos permite isso. Seguindo nessa linha, o imediatismo se refere à possibilidade de reportar fatos no momento em que estão acontecendo. Com qualquer telefone, inclusive os públicos, um repórter conseguiria entrar no ar. E com o avanço das tecnologias e a democratização dos aparelhos celulares, isso tem aumentado cada vez mais. O rádio também é, segundo Zuculoto (2012), um dos meios de comunicação com maior abrangência geográfica porque consegue transmitir até para os lugares mais remotos, tendo alcance nacional e mundial sem perder a sua regionalidade. O baixo custo também conta como uma vantagem em relação aos demais meios, porque tem uma aquisição mais acessível para grande parte da população. Por fim, a sensorialidade também se destaca como um privilégio, pois consegue envolver o ouvinte através da empatia. Pode-se dizer que:

(...) o rádio desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia. É possível dizer que, no rádio, o limite da capacidade de provocar a imaginação do ouvinte só existe, mesmo, na mente de quem produz a comunicação radiofônica (ZUCULOTO, 2012, p.25)

Para a autora, com todas estas características, especialmente a mobilidade e o imediatismo, “o rádio, sem dúvida alguma, credencia-se a ser apontado como um meio de comunicação de massa perfeitamente adequado à prática do jornalismo” (p.26). Eduardo Meditsch (1995, apud ZUCULOTO, 2012) também endossa a ideia afirmando que o rádio possui atributos que ainda não foram alcançados por nenhum outro meio de comunicação. A imediaticidade, a versatilidade, a ubiquidade e a facilidade de recepção são as particularidades apontadas pelo autor que destacam o rádio devido a simplicidade e praticidade da linguagem sonora. No entanto, apesar do potencial, até o início dos anos 1940 o rádio não contava com uma produção jornalística forte, o que só foi ocorrer por causa da Segunda Guerra Mundial. Antes disso, as emissoras se limitavam à transmissão de informações retiradas dos jornais impressos.

Antes de falarmos sobre o radiojornalismo no Brasil, cabe aqui uma ressalva trazida por Zuculoto (2012), de que houve uma exceção antes da modalidade se tornar habitual. Roquette Pinto e seu *Jornal da Manhã*, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, já apresentavam informações jornalísticas tiradas dos jornais mas acrescidas de outras para o melhor entendimento do ouvinte. Ele já adicionava também comentários opinativos ao material. As demais rádios, nas duas primeiras décadas do meio de comunicação, se debruçaram apenas na leitura de manchetes e textos inteiros dos jornais impressos sem nenhuma adaptação de linguagem que privilegiasse a radiodifusão sonora. Oficialmente, o radiojornalismo brasileiro, de maneira predominante, surgiu com a estreia do *Repórter Esso*, modelo de noticiário importado dos Estados Unidos. Na época, também existiam noticiários semelhantes nas capitais de Argentina, Chile, Peru e Cuba. Em 1941, em terras brasileiras, a transmissão ficou a cargo, primeiramente, da Rádio Nacional (RJ) e da Record (SP). No ano seguinte ocorreu uma expansão para as rádios Farroupilha (RS), Inconfidência (MG) e Jornal do Comércio (PE).

No período anterior ao lançamento do *Repórter Esso*, o radiojornalismo brasileiro caracterizava-se pela ausência de um tratamento redacional para o veículo, ou seja: as notícias eram selecionadas e recortadas dos jornais e lidas aos microfones pelo locutor que estivesse no horário. Tesoura e cola eram os recursos disponíveis para o jornalismo radiofônico (MOREIRA, 1991, apud ZUCULOTO, 2012, p. 81)

Depois de quase 30 anos, diferentes locutores e emissoras, o *Repórter Esso* sai do ar dando espaço ao surgimento de novas experiências noticiosas no rádio

impulsionadas pela curiosidade em torno da guerra. Depois que o rádio chega a sua “era de ouro” com o nascimento do radiojornalismo e a consolidação das notícias na programação, ele sofre um certo abalo (ZUCULOTO, 1979). A implementação da televisão, no início dos anos 1950, obriga o rádio a se reinventar, uma vez que o novo meio de comunicação passa a roubar a cena e, conseqüentemente, também os patrocínios. As emissoras de radiodifusão até conseguem manter uma disputa de audiência com as televisões por algum tempo, mas a partir de 1958 passam a entrar em declínio. Pensando em alternativas e tentando evitar que o rádio se tornasse um mero aparelho musical, o radiojornalismo foi ganhando cada vez mais força no meio da comunicação, já que precisou buscar uma nova linguagem de programação para sobreviver, conforme Walter Sampaio (2008, apud FERRARETO, 2014)

Depois de anos de evolução e desdobramentos, nos dias de hoje o segmento jornalístico no rádio, de acordo com Ferrareto (2014), pode incluir coberturas esportivas ou apenas noticiários sobre o cotidiano da sociedade. Também há uma grande presença de âncoras, noticiando os principais fatos do momento e as mais significativas opiniões das fontes, além de explicarem e se posicionarem a respeito delas. Finalmente, para entender a ligação entre o rádio e o podcast recorreremos, novamente, a Ferrareto (2014), que define que o termo “rádio” compreende diferentes noções desse veículo. Dentro dela estão o rádio de antena ou hertziano e o rádio on-line, e é este segundo que aqui nos interessa pois engloba o rádio web, web rádio e as práticas como o podcasting, que surge como uma personalização e individualização da programação radiofônica.

## **2.2 Podcast**

O podcasting, por sua vez, é definido por Assis e Luiz (2010) como uma forma de transmitir um arquivo de áudio ou vídeo através da internet. Além disso, é necessário que o arquivo possa ser acessado em qualquer aparelho compatível com este formato. Outro ponto que define o conceito de podcasting, trazido por Kischinhevsky (2018), é a possibilidade de ser consumido sob demanda, a qualquer tempo, e não se limitar aos conteúdos oferecidos nos sites das emissoras.

Sobre a origem dessa forma de transmitir, Lucio Luiz (2014) conta que com o aumento do uso de aparelhos portáteis reprodutores de arquivos de áudio passam a surgir novas ideias de automatizar o acesso ao conteúdo dos blogs de emissores e

afins. Das inúmeras tentativas, o método que mais deu certo foi a possibilidade de os downloads ocorrerem automaticamente por meio de agregadores utilizando uma tecnologia já utilizada para os blogs, o *Really Simple Syndication* (RSS). O autor explica que essa tecnologia é “uma maneira de um programa chamado agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que a pessoa precise visitar o site. Ou seja, em vez de o internauta ir até o conteúdo, é o conteúdo que “vai” para o internauta” (LUIZ, 2014, p.7). Esse sistema já funcionava anteriormente para arquivos de texto, mas a partir da necessidade do jornalista Christopher Lyndon de disponibilizar suas entrevistas na internet, Dave Winer criou, em 2003, uma maneira de fazer com que o RSS desse certo também para arquivos de áudio. Luiz (2014) ressalta, no entanto, que isso ainda não era o podcast que conhecemos hoje. Até chegarmos aos programas da maneira que estamos acostumados houveram alguns desdobramentos. Apenas em 2004 se passou a ter uma diferenciação entre o RSS “normal” e o que estava surgindo.

Adam Curry criou a partir de um script de Kevin Marks uma forma de transmitir os arquivos, especificamente de áudio, disponibilizados via RSS para o agregador iTunes. O sistema passou a ser utilizado por outros programadores, fazendo com que vários agregadores também efetivassem downloads automatizados de arquivos de áudio (LUIZ, 2014). A partir daí surge o termo podcasting sendo uma junção de “pod”, do iPod, e de “casting”, derivado de “broadcasting”<sup>12</sup>. Apesar da referência ao aparelho, o podcasting não se limitou a ele. Uma importante observação é que, como podemos ver pela trajetória de desenvolvimento do podcasting, ele também não tem apenas um criador. Na verdade, é fruto de uma colaboração e um aprimoramento de técnicas desenvolvidas por várias pessoas. Derivados dessa lógica, surgem os podcasts, tal qual conhecemos. Após essa contextualização, reforçamos que:

Para que todo o sistema em que o podcasting se baseia funcione, são necessários vários processos trabalhando conjuntamente. A simples publicação de arquivos de áudio em uma página da internet, por si só, não pode ser classificada como podcasting e, conseqüentemente, esses arquivos não podem ser caracterizados como podcasts, mesmo que possuam várias edições e periodicidade. (LUIZ; ASSIS, 2010, p. 6)

---

<sup>12</sup> De acordo com Assis e Luiz (2010), a expressão *broadcasting* se refere a uma transmissão pública e massiva de informações que quando feita através de ondas eletromagnéticas de rádio também pode ser chamada de radiodifusão.

No Brasil, o podcasting começou a ser testado em 2004, mas passou a crescer apenas em meados de 2005, tendo seu ápice com a organização da primeira edição da Conferência Brasileira de Podcast (PodCon), primeiro evento brasileiro dedicado apenas para o assunto. Em 2005 também foi organizada a Associação Brasileira de Podcasters (ABPOd). De acordo com Silva (2008, apud ASSIS; LUIZ, 2010) o primeiro podcast brasileiro foi o Digital Minds, criado por Danilo Medeiros em 2004 a partir do desejo do autor de se diferenciar de outros blogs já existentes. Na época, vários blogs brasileiros publicavam arquivos de áudio, mas esses arquivos não se caracterizavam como podcast pela impossibilidade de assinar o programa via RSS. Conforme Luiz e Assis (2010), de maneira simplista, podcasts são programas de áudio ou vídeo ou ainda uma mídia de qualquer formato cuja principal característica é sua forma de distribuição direta e atemporal chamada podcasting. No Brasil, existe uma diferenciação informal que classifica os programas de áudio como podcasts e os de vídeo como videocasts, mas ambos são a mesma coisa. Vale ressaltar, inclusive, que os videocasts têm sido uma modalidade adotada aos montes recentemente.

Apesar do sucesso aparente, a tecnologia foi vítima de um fenômeno denominado “podfade” que pôs fim em vários podcasts no país e no mundo, ainda em 2005. No entanto, o cenário voltou a mudar com a recuperação do mercado em uma trajetória de curva ascendente em meados de 2006 com poucos remanescentes da primeira geração e o surgimento de vários novos podcasts (ASSIS; LUIZ, 2010). Em 2008 a mídia ganhou ainda mais força com o Prêmio iBest. Depois deste, outros prêmios passaram a incluir categorias destinadas exclusivamente para os podcasts. No que se refere às características destes programas atualmente, em relação a linguagem, Kischinhevsky (2022) afirma que não há diferença substancial entre a radiofônica padrão e a radiofônica presente em podcasts. Entretanto, no rádio tradicional, vem se priorizando a lógica do ao vivo e do improviso sem a preocupação com erros ou redundâncias. No podcasting existe um cuidado maior com a estética, dando atenção para a edição do material, assemelhando-se com a montagem utilizada no audiovisual.

Um levantamento feito pela plataforma Listen Notes, baseado em dados da indústria de podcasts aponta que, atualmente, existem pelo menos 3.063.988

podcasts<sup>13</sup> e 159.518.480 episódios no mundo. O mecanismo também aponta que, com 196.967 registros, o Brasil é o segundo país com o maior número de podcasts produzidos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Além disso, em relação ao idioma, o português aparece em terceiro lugar no ranking ficando atrás do inglês e do espanhol. Ainda segundo a plataforma, 2020 — primeiro ano completo da pandemia de coronavírus — apresentou um aumento exponencial na quantidade de novos podcasts. Ademais, o estudo Inside Radio 2022, da Kantar IBOPE Media, mostrou que o consumo de podcast pelos brasileiros é um hábito semanal. Cerca de 56% dos ouvintes afirmam que ouvem pelo menos uma vez por semana. No início os podcasts eram produzidos em sua grande maioria de maneira individualizada e sem ligação com grandes empresas da mídia. Porém, a potencialidade dos podcasts foi percebida com rapidez por essas organizações que, segundo Alex Primo (2005), se apressaram em marcar presença na “podosfera”.

Se houve demora em perceber a importância dos blogs enquanto meio de comunicação, para além dos slogans que os descreviam apenas como um texto individual adolescente, os grandes conglomerados de mídia já estão trabalhando o podcasting como alternativa para buscar novos nichos de audiência e anunciantes. Alguns desses grupos e produtoras de audiovisuais utilizam o mesmo áudio veiculado em meios tradicionais em seus podcasts. (PRIMO, 2005, p. 4)

A exemplo do que o autor nos diz, podemos pensar sobre quantos grupos midiáticos tradicionais produzem podcasts atualmente. Afirmar que são todos talvez seja demais, mas podemos dizer com convicção que são a grande maioria.

Voltando às características, assim como no rádio tradicional, o podcasting também é composto por gêneros radiofônicos. Segundo André Barbosa Filho (2009), estes gêneros são modelos dinâmicos de expressão da realidade da programação radiofônica e estão relacionados em razão da função específica que eles possuem por causa das expectativas de audiência. O autor elabora uma classificação elencando estilos como gênero jornalístico, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e especial. Avançando nestes aspectos, nos deparamos cada vez mais com novos estilos.

---

<sup>13</sup> A plataforma salienta que outros sites ou aplicativos podem alegar terem mais podcasts em seus bancos de dados do que o registrado pela Listen Notes. No entanto, explica que isso pode acontecer por causa de um aumento no número de podcasts que já foram excluídos há muito tempo; podcasts de qualidade super baixa; conteúdo sem áudio distribuído via rss mas que continuam sendo contabilizados. Isto não acontece no mecanismo de busca pois são adotadas medidas para eliminar estes arquivos ruins. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1G1iIrs7-FhGU9xWLY0gkG6PSSvFtuBkU/edit> Acesso em: 17 mar. 2023.

## 2.3 Narrativa

De acordo com Kischinhevsky (2018), nos últimos anos um novo gênero de jornalismo tem se consolidado, o narrativo.

Este novo gênero envolveria reportagens investigativas com apuração exaustiva de informações, o que permitiria reconstituição – no âmbito narrativo, evidentemente – de cenas e ambiências, bem como reportagens de interesse humano, que mobilizam arquétipos em novas roupagens, numa tática para sensibilizar a audiência e estabelecer vínculos entre ouvintes e personagens representados. (KISCHINHEVSKY, 2018 , p. 79)

Enquanto isso, especificamente no rádio, o uso de trilha sonora para evocar sentimentos e sensações é o que caracteriza este novo gênero. Os ganchos e os resumos explicativos que abrem e encerram os episódios, inspirados na lógica da ficção seriada ganham espaço. Ainda segundo definições de Kischinhevsky (2018), o novo radiojornalismo narrativo é caracterizado pelo investimento em apuração de profundidade e por ouvir extensamente as fontes escolhidas. Além disso, também recorre à ilustração dos personagens em diversos momentos dos episódios, não se apegando à duração destes trechos. Esta última característica diferencia bastante o radiojornalismo tradicional para o radiojornalismo narrativo, já que no primeiro existe uma preocupação em que as sonoras não sejam longas e dificilmente tenham mais de 30 segundos. De acordo com Ferraretto (2014), o documentário radiofônico, que partilha os mesmos princípios do radiojornalismo narrativo, é ainda pouco utilizado nas tradicionais rádios brasileiras. Na definição do autor, o estilo se caracteriza por abordar temas com profundidade baseando-se em “pesquisa de dados e arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio” (FERRARETTO, 2014, p. 74 e 75).

Dadas as conceituações anteriores podemos entender que todas estas estratégias de narrar fatos, em constante evolução, acabam convergindo para um estilo específico que vem ganhando cada vez mais força em podcasts: o storytelling. Quem escolhe o jornalismo como profissão quer contar histórias e essa técnica passou a ser usada como um recurso para isto. Karenine da Cunha e Paulo Mantello (2014) contextualizam que o termo *storytelling* pode ser traduzido “como algo próximo à contação de histórias, situação na qual o jornalista é contador (teller) e o



fato apurado (story) é o que deve ser narrado” (p. 58). Em síntese, o storytelling é uma maneira para narrar fatos como se fossem histórias.

Ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual, para que ele se identifique com o relato e goste do texto jornalístico como apreciaria um texto mais elaborado, propriamente literário ou poético. (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 58)

Portanto, essa técnica resulta em um texto que atinge os cinco sentidos, não deixando que o sujeito fuja da mensagem, como corrobora Kischinhevsky (2018), afirmando que:

Esse novo gênero se manifesta com características específicas, como o uso de trilha sonora para evocar sentimentos — afeto, medo, raiva — e sensações — suspense, alegria. A linguagem se aproxima de (e também atualiza a) contação de histórias (...) e ganham espaço os ganchos, os resumos explicativos que abrem e encerram os episódios, inspirados na lógica da ficção seriada. (KISCHINHEVSKY, 2018, p. 79)

Para Cunha e Mantello (2014), ao adotar essa técnica o jornalista desempenha o papel de narrador e organiza os fatos na sequência que deseja. Um ponto importante para se atentar é que, segundo Armand Balsebre (2005), a montagem reconceitua a ideia de real, transmitindo a realidade radiofônica e, por vezes, a tornando mais real do que a própria realidade. Uma das grandes responsáveis por essa construção é a montagem radiofônica. E, com o desenvolvimento tecnológico, inúmeros artifícios são possibilitados para melhorar a qualidade sonora. O corte e a colagem de áudios, a qualidade de sons e a ambiência, por exemplo, podem ser utilizados como recursos para contribuir com a criatividade e intenção comunicativa e expressiva do emissor da mensagem.

A montagem é responsável pela construção de um repertório de possibilidades significativas que define o nexos ou a união entre as sequências. Temos também que considerar o ritmo, assim como a dialética da originalidade e da redundância tão necessárias para produzir entendimento e interesse sobre a mensagem. Outra questão a ser pensada durante a montagem é o número de planos, acontecimentos e fontes sonoras por unidade de tempo. (BALSEBRE, 2005, p.335)

Sendo assim, a escrita do roteiro é a parte mais complexa e importante no desenvolvimento de uma série radiofônica, o que pode explicar a adesão a este tipo de estratégia narrativa. Com isso, o autor salienta que “apesar da linguagem no rádio ser uma representação artificial da realidade, ela provoca uma emocionante e intensa vivência real” (BALSEBRE 2005, p.336).

Cada vez mais percebemos como estamos em um mundo repleto de informações. Nem todas são de qualidade, é fato. Mas ainda assim estamos. Em razão dessa oferta abundante e pensando na disputa pela atenção de leitores, ouvintes e telespectadores, é preciso ter estratégias que destaquem a sua informação no meio da massa. Pensando nisso, o storytelling se mostra como uma alternativa atraente, já que, segundo Luana Viana (2020a), essa técnica consiste em um recurso que os meios de comunicação recorrem para “conquistar e fidelizar sua audiência” (p.288). Além disso, prioriza o consumidor ao invés do produto, se diferenciando de outras estratégias. Essa técnica também não se restringe a nenhum suporte ou tipo de narrativa, ampliando a gama de possibilidades em que pode ser usada. A estratégia vem se desenvolvendo cada vez mais e construindo suas próprias características conforme a área em que é utilizada.

A autora também difere o jornalismo convencional/habitual do literário, este segundo mais conhecido por usar a estratégia da narrativa storytelling. O jornalismo convencional tem como principal objetivo informar, já o jornalismo literário procura oferecer “um mergulho sensorial na realidade”. Não basta a informação seca, dita objetiva, factual. O leitor é convidado a captar na narrativa as nuances ambientais de onde o acontecimento se dá” (LIMA<sup>14</sup>, 2014 apud VIANA, 2020a, p. 290). Viana (2020a) complementa dizendo que o storytelling usado no jornalismo “traz as características da humanização de narrativas, recorrendo ao encadeamento dos fatos voltado para o envolvimento do contar histórias, aliado à transmissão da informação” (p. 291). Como parte de sua estrutura, a autora explica que o lead muitas vezes é substituído pela descrição da cena. Ou seja, ao invés de responder às seis perguntas que constroem o lead, prevalece a descrição sensorial e sinestésica. Para Lima (2014, apud VIANA, 2020a, p. 290), essa reorganização “[...] faz sentido, quando se nota que o propósito da modalidade é conduzir o leitor simbolicamente para dentro dos ambientes que suas narrativas representam”.

Pensando o jornalismo imersivo em podcasts narrativos, Viana (2020b), destaca que existem produções que oscilam entre ficcionais e de não-ficção por causa da estrutura e das sensações que despertam nos ouvintes. Ainda segundo a autora, muitas delas estão ancoradas em proporcionar experiências imersivas, incluindo as produções jornalísticas. A partir de seus estudos, Viana (2020b) verificou que o processo de imersão está relacionado às decisões que a produção

do podcast adota e que pode ser potencializado pelas plataformas digitais e novas tecnologias. Em resumo, levar em conta todos esses aspectos a cerca de radiojornalismo, narrativas e estratégias de linguagem, — principalmente tendo em mente que a técnica de storytelling não busca tirar os relatos jornalísticos do campo noticiosos e reclassificá-los na literatura (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 60) — nos ajudará a compreender melhor e situar nosso objeto de estudo nos capítulos seguintes.

### 3. JORNALISMO INVESTIGATIVO E CRITÉRIOS DE NOTÍCIA

Neste capítulo discorreremos sobre as definições de jornalismo investigativo, seus métodos e processos éticos envolvidos. Ainda avaliamos quais os passos apontados por Fortes (2012) devem ser seguidos para que o mecanismo da investigação jornalística seja atendido. Além disso, recorreremos a Traquina (2013) para contextualizar os valores-notícia utilizados nas redações para determinar o dia a dia noticioso.

#### 3.1 O jornalismo investigativo

Para muitos, quando falamos em jornalismo investigativo estamos caindo em uma redundância, uma vez que todo jornalismo é, e precisa ser, investigativo. O ato de apurar os fatos de qualquer notícia publicada já pode ser considerado uma atividade investigativa. No entanto, de acordo com diversos autores, o jornalismo investigativo tem suas especificidades em relação às apurações cotidianas. Para Mariana Noronha (2017, p. 137), “o jornalismo investigativo é aquele que percebe o acontecimento não como uma ocorrência factual isolada, mas como um fenômeno, havendo a necessidade de abordar suas causas e consequências.” Já Leandro Fortes (2012) contextualiza que a ideia de jornalismo investigativo que nos vem à mente, com ações perigosas quase semelhante às ações policiais, é na verdade uma especialização do fazer jornalismo por causa da burocracia que impede os cidadãos de terem acesso à informação. Além disso, foi desenvolvido pelos próprios jornalistas como uma espécie de rótulo para valorizar as matérias produzidas e gerar status dentro das redações. Criando assim, uma super exaltação do jornalismo investigativo. Podemos dizer que “o que caracteriza essa modalidade, contínua, é o objeto da pauta, o método de apuração, a forma e o conteúdo finais com que a reportagem se apresenta” (FORTES, 2012, p. 15).

Partindo para um histórico desta especialização no Brasil, Fortes (2012) diz que o jornalismo investigativo brasileiro começou a ser um método organizado dentro das redações a partir da Era Collor. Antes disso, na ditadura militar, com a forte censura que os veículos de comunicação sofriam, essa prática era totalmente reprimida.

Os sucessivos escândalos ocorridos entre 1990 e 1992, durante a gestão do presidente Fernando Collor de Mello, resultaram em uma febre investigatória francamente disseminada na imprensa nacional. Pode-se dizer que o *impeachment* de Collor é o marco zero do jornalismo investigativo no Brasil. A partir dele, jornalistas e donos de empresas de comunicação viram-se diante de uma nova e poderosa circunstância, com consequências ainda a serem dimensionadas. (FORTES, 2012, p. 10)

Esse *modus operandi*, naturalmente, gerou uma série de questões sobre os procedimentos utilizados nessas investigações, já que não haviam regras pré estabelecidas sobre esse processo. A corrida por publicar denúncias e desvendar esquemas de corrupção ou irregularidades dos governos gerou um mal estar coletivo. Este tipo de jornalismo passou a ser visto com maus olhos e ser taxado como “denuncismo”, de maneira pejorativa, em razão da feroz busca por trunfos jornalísticos. A partir disso, se percebeu os dois lados de ter essa prática. O empenho utilizado nas investigações possibilitou muitas denúncias importantes feitas pela imprensa, mas, ao mesmo tempo, gerou uma disputa, nem sempre ética, dentro das redações. De maneira lógica o Código de Ética do Jornalismo Brasileiro, que existe desde 1985, poderia resolver o problema. Porém, Fortes (2012) critica a maneira como ele foi estruturado e por ser carregado de obviedades. Com isso, o autor finaliza a problematização afirmando que o jornalismo investigativo acabou ditando normas, criando procedimentos, gerando castas e virando sinônimo de sucesso profissional. Tudo isso em razão deste modelo ter sido sobreposto às demais subespecializações de editorias tradicionais.

Para Noronha (2017), os procedimentos que caracterizam o jornalismo investigativo são semelhantes aos empregados em uma apuração tradicional. Consulta a documentos, entrevistas, acesso a estudos e pesquisas e observação são os mecanismos apontados pela autora. Existe diferença apenas na maneira de se apropriar dessas técnicas para esgotar o assunto, alcançar causas e consequências do acontecimento. Partindo disso, e para entendermos melhor os mecanismos de funcionamento do jornalismo investigativo, iremos destrinchar o seu passo a passo de atuação estabelecido por Leandro Fortes (2012). Antes, porém, cabe reforçar que:

O jornalista investigador é quem provoca a informação, é quem dá os passos necessários para a obtenção dos dados que necessita para completá-la, aquele que busca, compara, não é um mero receptor da informação. É aquele que se adianta aos acontecimentos. Não espera que os fatos se produzam; ele os desencadeia ou os para com sua investigação, dependendo dos fatos e do que tratam (LOPES; PROENÇA, 2003, apud NORONHA, 2017, p. 20).

Fortes (2012) divide o processo de apuração investigativa em 14 fases: a primeira delas é a **pesquisa minuciosa**, que deve ser feita com olhos críticos semelhantes ao de um detetive e ir além da mera curiosidade. A segunda é a fase da **paciência e concentração**, uma vez que durante as investigações o repórter vai ser apresentado a inúmeras informações e documentos com dados que precisam ser meticulosamente analisados. Depois, partimos para a **insistência e perseverança**, já que na maioria das vezes a notícia vem fragmentada e é necessário manter o faro jornalístico e seguir a intuição até que o mistério seja, por fim, desvendado. Também é necessário ter uma **atenção especial** pois a oportunidade para encontrar uma pauta que necessite de uma atividade investigativa mais aprofundada pode estar em qualquer lugar. Para o repórter alcançar o objetivo e entender cada etapa avançada não se pode ter limitações na hora de ouvir pessoas ligadas direta ou indiretamente aos fatos. Por isso, é necessário que sejam feitas **entrevistas e muitas entrevistas**. Anteriormente falamos da ideia idealizada de que o jornalismo investigativo pode ser uma ação policial estilo FBI, mas Fortes (2012) salienta que um **conhecimento policial básico** ajuda nesse trabalho. Características presentes em praticamente todos que escolhem ser jornalistas, a **curiosidade e a desconfiança** são ainda mais necessárias durante uma cobertura jornalística que envolve investigação.

A **descrição** durante as apurações investigativas pode ajudar o repórter a chegar no êxito da reportagem. Por isso, manter uma relação estritamente profissional com as fontes e “andar pela sombra” é fundamental. A checagem das informações também se junta a todas essas fases se atrelando a elas. Quando lidamos com dados sensíveis é preciso resolver qualquer dúvida que possa surgir em relação a apuração. É preciso **checar, checar e checar**. Para que os jornalistas consigam fazer o melhor levantamento de informação, é importante que não haja filtros em seu olhar. Por este motivo, para fazer uma boa investigação, o repórter tem que **libertar-se de preconceitos**. Na hora da apuração, **arquivos bem organizados** também ajudam. O autor destaca ainda que **frieza, objetividade e precisão** são fundamentais para escrever uma reportagem, principalmente investigativa. O repórter deve dizer apenas os fatos da maneira mais clara possível que o leitor fará a decodificação da informação atribuindo os adjetivos pertinentes ao sujeito. Ainda falando no público que consome a notícia, a **lealdade ao leitor** é o

eixo central do trabalho jornalístico. Os resultados da investigação devem servir ao interesse e ser compartilhados com toda sociedade. Além disso, a **coragem e a responsabilidade** são coisas que precisam andar de mãos dadas para que todas as etapas sejam feitas de maneira segura durante uma investigação, pois nesse tipo de apuração o perigo para o jornalista é mais evidente. A preservação das fontes também estimula a confiança no trabalho do repórter, facilitando com que ele tenha acesso a informações importantes. Portanto, Leandro Fortes (2012) prega o **respeito às fontes**. E, por fim, todas essas etapas devem resultar em um texto com **clareza e simplicidade**, já que nada adianta todo trabalho investigativo se não ficar acessível a quem lê, escuta ou vê.

Em alguns casos, de reportagens mal executadas ou mal intencionadas, tanto a investigação jornalística quanto a apuração “comum” podem gerar casos espetacularizados da informação. Michele Negrini e Alexandre Rossato Augusti (2013) afirmam que o espetáculo, partindo da ideia debordiana, se baseia na aparência. Portanto, apresenta o que é bom, o que merece ser contemplado e o que vai despertar desejos de consumo. Ainda segundo Debord (1997), o espetáculo não precisa acrescentar nada, basta ter um enredo com detalhes atrativos. O desenrolar da história é o ponto focal de um espetáculo. “É no meio de um espetáculo que o público se prende, mesmo que não vá chegar a nenhum lugar específico” (DEBORD, 1997 apud NEGRINI; AUGUSTI, 2013, p. 4).

De acordo com Negrini e Augusti (2013), a espetacularização está frequentemente nos meios de comunicação. E através dela consegue manter elevados índices de audiência. Levando isso em consideração, podemos pressupor que o jornalismo não escapa dessa lógica, já que apesar de ser um produto informativo, também precisa gerar interesse e consumo do público.

A união do jornalismo com a espetacularização pode ser percebida como prática de diversos telejornais. Ao discutirmos sobre grandes coberturas jornalísticas a eventos mortuários, é possível exemplificar a espetacularização. (NEGRINI; AUGUSTI, 2013, p. 2).

Assim sendo, a espetacularização consiste em prender o público, seja ele telespectador, leitor ou ouvinte. Não importam os desfechos ou moral da história, manter as pessoas entretidas é o objetivo. A dramatização da informação, que pode ser percebida por adereços sensacionalistas na notícia, caracteriza a espetacularização no meio jornalístico.

### 3.2 Os critérios de noticiabilidade

O que são as notícias? Como são feitas? E porque? De certa forma, a sociedade vive com esse tipo de questionamento sobre o trabalho jornalístico, que pode ser de difícil compreensão no campo civil. Nilson Lage (1982) define a notícia como “um relato de uma série de fatos a partir do mais importante, e este, de seu aspecto mais importante” (p. 36). O autor pontua que ser importante, nas notícias, se resume a conceitos abstratos de verdade ou interesse humano. Conclui ainda que a notícia é constituída por dois componentes básicos: o lógico e o ideológico. O primeiro seria uma organização relativamente estável e o segundo diz respeito aos elementos escolhidos segundo critérios de valor essencialmente cambiáveis que se organizam na notícia. Além disso, outro ponto de destaque sobre o que a sociedade pensa a respeito da imprensa é que ela precisa ser objetiva. Não discordamos desse ponto, mas salientamos que não acreditamos nela dada a conceituação mais primária. A ideia de objetividade, de acordo com Michael Schudson (2010, p. 16) diz respeito a separação de fatos e valores. “A crença na objetividade é uma confiança nos “fatos”, uma desconfiança nos “valores” e um compromisso com a segregação de ambos.” A notícia não é um relato simples e puro, é uma construção. A neutralidade, a isenção ou a imparcialidade do jornalismo perante as coisas que são noticiadas podem ser consideradas uma falácia.

Os jornalistas têm óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado. (BOURDIEU, 1997 apud TRAQUINA, 2013, p. 75)

Os jornalistas podem até não ter time e nem partido político, mas, assim como todos os outros, têm subjetividades que norteiam a sua profissão e a prática dela. Segundo Cornu (1999, apud LÜCKMAN; FONSECA, 2017), a investigação jornalística sugere uma interpretação dos fatos, seja de maneira implícita ou explícita. Para ele, “observador do notável, o jornalista assume-se como intérprete da atualidade, entendida como o momento presente da realidade” (p. 165). Ou seja, tudo parte de uma escolha, consciente ou não, que constrói uma visão de mundo. O que é notícia, sem entrar no detalhe de como está sendo noticiado, já é optar por um enquadramento. Como consta no dicionário, um dos significados de enquadrar é delimitar. Para Todd Gitlin (1980, apud TRAQUINA, p. 16) essas delimitações “são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação de seleção, ênfase



e exclusão, pelos quais os '*symbol-handlers*' organizam rotineiramente o discurso, quer verbal quer visual". Gaye Tuchman (1976, apud TRAQUINA, 2013) corrobora essa ideia ao afirmar que a notícia traz definições da realidade social e conta "estórias" através dos seus enquadramentos. Todo esse pensamento nos leva a pensar no poder do jornalismo, que de acordo com Molotch e Lester (1974, apud TRAQUINA, 2013) exerce grande influência, tanto na projeção social de assuntos, quanto em enquadrar esses tópicos como um recurso de discussão pública.

E neste sentido, a existência de critérios de noticiabilidade, se adotados de maneira coerente, contribuem para uma construção mais honesta do fazer jornalismo. Diante disso, Nelson Traquina (2013) mostra que existe uma lógica que, ao longo dos anos, vem sofrendo mutações e ajustes, mas que é levada em consideração na hora de decidir o que se torna ou não notícia. De certo modo, isto pode ajudar a basear a subjetividade individual do repórter. O autor conceitua os critérios de noticiabilidade como:

o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado, como merecedor de ser transformado em matéria noticiável, e, por isso, possuindo "valor-notícia (TRAQUINA, 2013, p. 61).

Segundo o autor, a análise histórica das notícias revela que os valores-notícia têm variado pouco. Algumas características ou "qualidades duradouras", como o extraordinário, o insólito, o atual, a notoriedade, o ilegal, as guerras, calamidades, violência e morte permanecem estruturando as notícias ao longo do tempo. Os estudos a respeito desses critérios já tiveram muitas variações e classificações distintas. De acordo com Traquina (2013), o primeiro acadêmico a entender que os valores-notícias estão presentes em todo o processo de produção jornalística, ou seja, da escolha da pauta até a redação final do texto, foi o italiano Mauro Wolf (1987). O autor estabelece uma distinção entre valores-notícias de seleção e valores-notícia de construção. O primeiro refere-se aos critérios que os jornalistas utilizam para escolherem que tal acontecimento se tornaria notícia, já o segundo diz respeito às qualidades da produção da matéria como o que deve ser realçado ou omitido (WOLF, 1987, apud TRAQUINA, 2013). Para entendermos como funcionam estas escolhas dentro das redações e na cultura jornalística, vamos nos aprofundar nas divisões e conceituações estabelecidas por Traquina (2013) após imersão do autor nos critérios de noticiabilidade utilizados ao longo da história.

### 3.2.1. Valores-notícia de seleção

Os valores-notícia de seleção são subdivididos em dois grupos. Os critérios substantivos são caracterizados pela avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia. Neste primeiro agrupamento, a **morte** é o primeiro valor-notícia destacado que, para o autor, é um valor-notícia fundamental no jornalismo e explica o negativismo desta área que é apresentado diariamente nos jornais, nas rádios e nas televisões. Onde tem morte tem notícia e este critério se relaciona com outros para estabelecer a repercussão.

Quantas pessoas se interessam pelo que faz o seu Manoel, dono da padaria de bairro de uma cidade? Provavelmente apenas os seus vizinhos e olhe lá. E se repetirmos essa mesma pergunta, mas agora em relação ao presidente do Brasil? Certamente a quantidade de pessoas interessadas no que ele faz ou deixa de fazer é muito maior. Isso porque ele é importante num contexto nacional. Portanto, a **notoriedade** do ator principal é outro valor-notícia.

Quem já prestou atenção em um jornal de circulação regional deve ter percebido que nem tudo que vira notícia nele sai nas páginas do periódico da cidade vizinha. O valor-notícia de **proximidade** se refere a isto, podendo ser relacionado tanto a distância geográfica quanto cultural. Um acidente que afeta o trânsito no centro de Porto Alegre será notícia nos veículos da Capital, mas não no interior do Estado. Da mesma maneira que o carnaval do Rio de Janeiro tem noticiabilidade em emissoras gaúchas, apesar dos vários quilômetros entre os estados, existe proximidade cultural.

Na comunidade jornalística existe uma máxima que diz que se é de interesse público então é notícia. O valor-notícia da **relevância** tem a ver com a capacidade do acontecimento impactar a vida das pessoas ou do país. Outro conceito fundamental no jornalismo é a **novidade**. Ninguém chega numa banca de jornal e pede para comprar o jornal de ontem. Aquelas notícias já estão velhas. E, segundo Traquina (2013), essa é uma das grandes dificuldades dos jornalistas em voltarem em fatos já noticiados. Algo novo precisa ter acontecido que justifique o assunto voltar para a pauta.

O **tempo** é um dos valores-notícia que mais abrange maneiras de ser utilizado como critério de noticiabilidade. A existência de um acontecimento na atualidade que já foi noticiado antes habilita o assunto para ser notícia mais uma

vez. Além disso, uma data específica, como o Dia das Crianças e o Dia das Mães ou os marcos temporais de um, cinco e dez anos de um fato já noticiado, pode servir de “gancho” para justificar que o mesmo tema seja pautado novamente. Ainda é possível utilizar o tempo como valor-notícia quando determinada agenda gera tanto interesse que o assunto vai permanecendo como notícia por um longo período e tudo que se desdobra dele adquire noticiabilidade.

O conceito de **notabilidade** refere-se a capacidade do acontecimento ser visível e tangível. Traquina (2013) usa como exemplo as greves que viram notícia por serem um acontecimento concreto, mas que os motivos que levaram os trabalhadores a tal decisão não é explorado jornalisticamente da mesma maneira. O autor salienta que este valor-notícia nos alerta para “a forma como o campo jornalístico está mais virado para a cobertura de acontecimentos, e não problemáticas” (p. 80). A inversão do normal, o insólito, a falha e o excesso ou escassez também são expostos como notabilidade.

Tudo aquilo que surpreende, que não é esperado e foge a rotina tem grande potencial de se tornar notícia, pois o **inesperado** é um importante critério para a comunidade jornalística. O autor usa o ataque às torres gêmeas, no dia 11 de setembro nos Estados Unidos, para ilustrar este valor-notícia.

O **conflito** também é fundamental como critério de noticiabilidade. A violência física ou simbólica é descrita por Traquina (2013) como uma quebra do normal. Por causa disso políticos, já habituados a debater ideias, se tornam notícia se partem para as vias de fato ao discordarem do andamento de um projeto de lei, pois o acontecimento foge à regra. Ademais, a violência e o conflito se relacionam com o critério de **infração**, referindo-se a violação e transgressão das regras. Não à toa todos os jornais têm páginas dedicadas exclusivamente a editoria de polícia. Desta maneira, é possível entender a importância dos crimes como notícia. Neste ponto, Traquina (2013) faz outro alerta em relação à normatização desta noticiabilidade. Quando damos espaços diferentes para crimes que agregam outros valores-notícia, ou seja, são mais violentos, envolvem alguém notório ou tem um número maior de vítimas, e crimes que são mais “brandos”, estamos dando um tratamento rotinizado a esta infração, banalizando a ação. Por fim, é acrescentado à lista de critérios substantivos dos valores-notícia o **escândalo**, que atribuiu ao jornalista o papel de “cão de guarda” das instituições democráticas.

Já os critérios contextuais dos valores-notícia se referem ao contexto de produção da notícia. O primeiro deles é a **disponibilidade**, detalhada por Traquina (2013) como a facilidade com que é possível fazer a cobertura do acontecimento. Com as redações cada vez menores este é um ponto que tem sido levado muito em conta. É preciso saber se tal acontecimento vale o dispêndio da equipe em detrimento de outro talvez mais simples. A recorrência de um acontecimento ou assunto, com exceções, é claro, faz com que as redações usem o **equilíbrio** para medir a noticiabilidade do fato. Se algo foi noticiado recentemente por um veículo, pode-se pensar que não há valor notícia pois já foi dado a pouco tempo.

O valor-notícia de **visualidade**, mais presente no jornalismo de televisão, refere-se à existência de elementos visuais, como fotografia ou registro em vídeos, que possam ilustrar o tema noticiado. Nelson Traquina (2013) diz que esse é um dos valores-notícia que explica a maior presença de desastres nos noticiários, este é um acontecimento que produz muitas imagens. Atrelado ao valor-notícia do equilíbrio, em que algo que foi notícias recentemente é deixado de lado, a **concorrência** é utilizada para justificar os motivos de se investir esforços de apuração em algum fato em detrimento de outro. A disputa entre veículos de comunicação faz com que as redações procurem sempre pelo furo, ou seja, por algo que o outro ainda não tem. No entanto, o autor chama atenção pelo fato de que, ao tentar não ceder o furo para a emissora concorrente, todos os jornalistas acabam andando em bando e cobrindo as mesmas coisas. Por fim, o último valor-notícia do subgrupo de critérios de noticiabilidade contextuais é o **dia noticioso**. Traquina (2013) explica que no jornalismo cada dia é pensado de maneira individual. Portanto, os acontecimentos que podem virar notícia disputam espaço apenas com os fatos daquele mesmo dia. Dessa forma, um assunto pode ser considerado forte para a primeira página hoje, mas se acontecesse amanhã talvez não fosse. Repórteres estão acostumados a lidar com momentos de “seca” de acontecimentos, feriados são um bom exemplo, e nessas situações algo que está a tempos sendo deixado de lado passa a ganhar valor.

### 3.2.2. Valores-notícia de construção

Partindo para os valores-notícia de construção, o primeiro a ser destacado é a **simplificação**. Muitos acreditam que os jornalistas atuam como uma espécie de

tradutores das coisas que acontecem no dia a dia da sociedade e isto se justifica pela necessidade que as notícias sejam de simples compreensão, por mais complexo que o assunto seja. É obrigação do jornalista escrever sem ambiguidades ou reduzir a natureza polissêmica do acontecimento. A **amplificação** também é apontada como um critério de construção pois quanto mais amplificado é o acontecimento, maior é a chance da notícia ser notada. Traquina (2013) traz as seguintes manchetes como exemplo: “Brasil chora a morte de Senna” e “América chora a morte Nixon”.

Da mesma forma, para o autor, a **relevância** faz sentido nesta lista, uma vez que quanto mais sentido a notícia dá ao acontecimento, mais hipóteses a notícia tem de ser notada. Conforme Traquina (2013), é papel do jornalista mostrar a relevância da notícia na vida do público. Por conta disso, estamos acostumados a ver notícias sobre problemas internacionais com suítes falando como determinado fato vai mudar o cenário do mercado financeiro nacional. Tido como fundamental, a **personalização** se configura como um valor-notícia de construção porque ao seguir este passo o repórter consegue que haja uma maior identificação do público com o acontecimento. Por consequência, a notícia é mais notada. De acordo com o autor, estudos sobre o discurso jornalístico mostram que as pessoas se interessam mais por outras pessoas. Já a **dramatização**, que reforça os aspectos mais críticos, o lado emocional, a natureza conflituosa de um fato, se encaixa nos critérios de construção, pois o melodrama acrescido na narrativa atrai o público. A **consonância** encerra a lista apresentada por Traquina (2013) com a explicação de que ao inserir o acontecimento numa narrativa já conhecida aumenta as chances de notoriedade da notícia. A novidade inserida numa história anterior corresponde às expectativas do público, tornando mais fácil a compreensão.

Traquina (2013) salienta, no entanto, que apesar dos critérios de noticiabilidade, postos como estão, a direção da organização jornalística pode moldar a forma como os valores-notícia serão interpretados. Cada redação tem suas prioridades e isto interfere, direta ou indiretamente, no conteúdo que é produzido.

## 4. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo iremos detalhar a metodologia utilizada para atingirmos os resultados da análise desenvolvida. Porém, antes disso, apresentaremos o objeto de pesquisa, o podcast *A Mulher da Casa Abandonada* discorrendo sobre aspectos do lançamento, periodicidade e a sua repercussão. Também traremos um breve histórico sobre a Folha de S. Paulo, desde a sua fundação até a forma como se estrutura atualmente. Veremos ainda os alcances de audiência que o jornal registra tanto no impresso quanto no digital.

### 4.1 Apresentando a Folha de S. Paulo

Para entendermos melhor de onde partimos é preciso conhecer a matriz produtora. De acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), os jornais de maior circulação física no Brasil são: Folha de S. Paulo (SP), O Globo (RJ), O Estado de São Paulo (SP), Super Notícia (MG), Zero Hora (RS), Valor Econômico (SP), Correio Braziliense (DF), Estado de Minas (MG), A Tarde (BA) e O Povo (CE). O podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, produzido pela Folha de S. Paulo, será o objeto empírico deste trabalho. De acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC), o jornal encerrou 2021 com circulação total, digital e impressa, em 366.089 exemplares diários pagos. Na frente da audiência, a média mensal de páginas vistas, que refletem quanto de conteúdo foi consumido pelos leitores, ficou em 171,5 milhões, segundo a Comscore, empresa americana especializada em análise de tráfego. Acumuladas, as visualizações de janeiro a dezembro passam de 2 bilhões. Em relação aos UVs (usuários únicos), a média mensal de 2021 ficou em 22,2 milhões. O jornal também tem um número expressivo de seguidores no Instagram com 3,5 milhões de seguidores e no Twitter com 8,8 milhões<sup>15</sup>.

A história da Folha de S. Paulo começou em 1921 quando foi fundada pelos jornalistas Olival Costa e Pedro Cunha, mas não tinha esse nome. Inicialmente o embrião do jornal chamava-se “Folha da Noite” e tinha como objetivo informar as classes médias e operárias no período noturno. Após quatro anos, em 1925, foi criada a “Folha da Manhã”, versão matutina do jornal. Depois de 24 anos e duas mudanças de comando, surge ainda a “Folha da Tarde”. Foi apenas em 1960,

---

<sup>15</sup> Os números das redes sociais foram consultados em março de 2023

quando os três jornais já funcionavam no mesmo endereço, que ocorreu a fusão no dia 1º de janeiro dando origem à atual Folha de S. Paulo. Foram as dificuldades financeiras pelos altos custos com o papel as responsáveis pela decisão.

O periódico paulista controla o jornal Folha de S.Paulo, seu site noticioso (folha.com.br), o Datafolha, um dos institutos de pesquisa mais respeitados do país, uma agência de notícias (Folhapress) e o Centro Tecnológico Gráfico-Folha (CTG-F), um dos maiores e mais modernos parques gráficos da América Latina. Em junho de 1981, um documento de circulação interna surge como a primeira sistematização de um projeto editorial. O texto fixa três metas: informação correta, interpretações competentes e pluralidade de opiniões. Atualmente, em sua linha editorial, o jornal defende “a busca por um jornalismo crítico, apartidário e pluralista”.

Na sua edição impressa as páginas são divididas em dez seções diárias. Em **Poder** os textos são dedicados à vida política, institucional e aos movimentos sociais. Na editoria de **Mundo** são publicadas diariamente as principais notícias internacionais, sempre acompanhadas de análises precisas e enfoque didático. Já em **Mercado** é apresentado a conjuntura econômica, brasileira e internacional, e o mundo dos negócios. O caderno ainda orienta quanto a investimentos, traz indicadores econômicos. Em **Cotidiano** são oferecidas informações consideradas úteis ao dia a dia dos leitores nas áreas de segurança, educação e direito do consumidor. Além disso, traz notícias relativas às principais capitais do país. Na editoria de **Esporte**, além de acompanhar os principais campeonatos, traz assuntos relacionados a política, marketing e legislação esportiva.

Por sua vez, em **Ciência + Saúde** o jornal disponibiliza notícias sobre as últimas descobertas e pesquisas mais recentes e importantes nas áreas científica e médica no Brasil e no mundo. Também oferece textos sobre serviços e reportagens para melhorar a saúde e o bem-estar. A **Folha Corrida** foi criada para ser lida em até cinco minutos na versão impressa, e traz resumos diários de notícias, extratos de colunistas, dicas práticas e curiosidades que perpassam todos os cadernos da Folha, de política a cultura, de economia a esporte. A **Ilustrada** é um dos mais tradicionais suplementos da Folha de S. Paulo e funciona como um caderno sobre cultura e entretenimento. Em **Turismo** o foco são informações sobre os principais destinos do Brasil e do mundo com quadros informativos e dicas de preços e lugares. Por fim, as páginas da **Ilustríssima** são dedicadas à cultura, à ciência e a

reportagens de fôlego. Textos de ficção, poesia, dramaturgia, ensaios, cartum e quadrinhos também compõem o suplemento.

No meio digital, a Folha de S. Paulo foi o primeiro jornal brasileiro online, de acordo com a própria Folha. Criado em 1995, inicialmente com o nome de “Folha Online”, é o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa. Tem por objetivos a criação, a produção e o desenvolvimento de conteúdo jornalístico, além de serviços, com destaque para áreas de interatividade. Segundo um levantamento próprio, atualmente, publica cerca de 160 notícias por dia.<sup>16</sup>

#### **4.2 Apresentando o podcast *A Mulher da Casa Abandonada***

A Mulher da Casa Abandonada é uma série em áudio produzida pelo jornal Folha de S. Paulo. O produto investiga a história de uma brasileira que vive em um casarão abandonado em Higienópolis, um dos bairros mais ricos da cidade de São Paulo e que concentra a grande maioria da elite paulistana. A mulher, que se apresenta como Mari atualmente, na verdade, chama-se Margarida Bonetti e esteve na lista de procurados pelo FBI por acusações de crimes cometidos nos Estados Unidos, entre 1970 e o início dos anos 2000. Margarida era investigada por ter submetido a sua empregada doméstica, também brasileira, a trabalho análogo a escravidão por 20 anos. O podcast foi lançado em junho de 2022 e está disponível nas principais plataformas de streaming de áudio como Spotify, Deezer e Apple Podcast. Também é possível encontrar os episódios no canal da Folha de S. Paulo no Youtube.

Além da história intrigante investigada neste podcast, chama a atenção a repercussão que a série ganhou. Dois dias após o lançamento da investigação, o programa já aparecia no topo da lista de podcasts mais ouvidos no Brasil na plataforma do Spotify (FOLHA, 2022).<sup>17</sup> A nota da produção dada pelos ouvintes na plataforma é de cinco estrelas, avaliação máxima. De acordo com a Folha (2022), em 19 de julho os seis primeiros episódios da série já somavam quase 300 mil

---

<sup>16</sup> Informações disponíveis em [https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o\\_grupo.shtml?fill=1](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml?fill=1)

<sup>17</sup> Em 6 de agosto de 2022, quase dois meses depois do lançamento, o podcast “A Mulher da Casa Abandonada” seguia no topo do ranking de podcasts mais ouvidos no Spotify.



visualizações no Youtube e mais de 3,6 mil novos assinantes tinham sido conquistados para o canal do jornal<sup>18</sup>.

Entretanto, junto com o sucesso da série, uma apreensão também surgiu. Em entrevista ao portal Uol, o jornalista e idealizador da série Chico Felitti afirmou a preocupação com a forma como a história se popularizou. “As pessoas passaram a ir na casa abandonada. Está parecendo uma micareta, está cheio de gente. A mulher fugiu. Os cachorros foram resgatados pela Luisa Mell” (UOL, 2022)<sup>19</sup>.

De acordo com a primeira publicação da *Folha* em seu *site* sobre o *podcast* no dia 7 de junho<sup>20</sup>, um dia antes do lançamento do primeiro episódio, a narrativa estava prevista para ter sete capítulos que contavam detalhes da casa, do crime, de como vivia Margarida e outros envolvidos na história, além de discutir a escravidão contemporânea lembrando outros casos descobertos nos últimos anos. Porém, após a repercussão que a história ganhou depois da divulgação dos primeiros episódios, Felitti afirmou em participação no *podcast* *Me conta uma fofoca*<sup>21</sup>, no dia 15 de julho de 2022, que um capítulo extra seria produzido abordando toda a repercussão da produção. De fato, o episódio foi lançado no dia seguinte, mas no *Café da Manhã*, *podcast* diário da Folha de S. Paulo. Nele o jornalista falou sobre os impactos que a série teve e sobre seus desdobramentos fora das plataformas de áudio, como em programas de TV e nas redes sociais:

Essa história foi virando várias outras histórias. Então tem a história da Margarida Bonetti no *podcast*, tem a história da Margarida Bonetti nos programas policiais da tarde e tem a história dela no TikTok, porque daí começaram a fazer centenas de milhares de vídeos. Gente dançando, gente passando pomada branca para imitá-la. Acho que foi se derivando e virando outra coisa que fugiu do nosso controle.

---

<sup>18</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-lidera-rankin-gs-e-acumula-milhoes-de-downloads.shtml> Acesso em: 6 ago. 2022.

<sup>19</sup> Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/07/13/chico-felitti-sobre-visitas-a-casa-abandonada-esta-parecendo-micareta.htm> Acesso em: 14 jul. 2022.

<sup>20</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/06/podcast-investiga-passado-de-crimes-por-tras-de-ma-nsao-abandonada-em-sao-paulo.shtml> Acesso em: 14 jul. 2022.

<sup>21</sup> Disponível em:

[https://open.spotify.com/episode/5nYuhjMOYGkvpadamWgxhm?si=Xc7jAEG3SFKgO7NaCfy\\_Eg](https://open.spotify.com/episode/5nYuhjMOYGkvpadamWgxhm?si=Xc7jAEG3SFKgO7NaCfy_Eg) Acesso em: 6 ago. 2022.

Além de ter viralizado nas redes sociais<sup>22</sup>, a mansão mencionada no podcast também virou cenário no jogo The Sims<sup>23</sup>, conforme publicação do jornal Metrôpoles. Outro fator relevante, oriundo da repercussão da série, é que no mesmo dia em que foi publicado o último episódio, 20 de julho de 2022, uma operação policial para cumprir um mandado de busca e apreensão na mansão. A operação fazia parte de um inquérito da Polícia Civil de São Paulo que investigava um possível caso de abandono de incapaz tendo como vítima Margarida Bonetti. De acordo com as notícias veiculadas na época<sup>24</sup>, ela passou por avaliação médica, para ver se teria condições de ficar sozinha na casa. Durante a ação policial, a ativista Luisa Mell resgatou os cachorros de Margarida, registrando a conduta através de lives na internet. Toda a movimentação atraiu dezenas de pessoas para a frente da mansão, mostrando então, a abrangência dessa série. O lugar virou uma espécie de ponto turístico de São Paulo e, por algum tempo, ganhou uma marcação no Google Maps que geolocalizava a casa. Depois da grande repercussão do podcast, Margarida Bonetti não foi mais vista na região.

### 4.3 Análise de conteúdo como método

Nesta pesquisa temos como objetivo entender se foram utilizados critérios de noticiabilidade na construção do podcast *A Mulher da Casa Abandonada* e quais foram. Para avaliar a produção escolhemos realizar uma análise de conteúdo por compreender que nesta estratégia “o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682).

Antes de detalharmos o método utilizado nesta pesquisa, esclarecemos alguns pontos relevantes. Este estudo é uma pesquisa descritiva, uma vez que “as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente

---

<sup>22</sup> Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/07/04/quem-e-a-mulher-da-casa-abandonada-historia-to-mou-as-redes-sociais.htm> Acesso em: 14 jul. 2022.

<sup>23</sup> Disponível em:

<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/mansao-do-podcast-a-mulher-da-casa-abandonada-vira-cenario-no-the-sims> Acesso em: 15 jul. 2022.

<sup>24</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/07/20/policia-faz-operacao-em-casa-abandonada-em-higienopolis-e-investiga-abandono-de-incapaz.ghtml> Acesso em: 15 mar. 2023.

realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (GIL, 2008, p. 28). A partir desta definição, portanto, podemos assumir que a abordagem metodológica será qualitativa, devido ao caráter interpretativo desta pesquisa. Entendendo que “a pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa soft” (BAUER; GASKELL, 2003, p. 23). Além disso, o ambiente de onde todos os dados diretos dessa pesquisa serão extraídos é próprio podcast e, segundo Prodanov e Freitas (2013), isto é uma das definições desta abordagem.

De acordo com Bardin (2009), a análise de conteúdo tem objetivos não só descritivos, mas de inferência que se realiza por “base indicadora de frequência” ou “indicadores combinados”. Além disso, a análise de conteúdo também é conceituada pela autora como um conjunto de instrumentos metodológicos que têm se tornado cada vez mais tênues e que estão em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos extremamente diversificados. Para Bardin (2009), “por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar” (p.16). Portanto, a análise de conteúdo possibilita descobrir conteúdos e estruturas que demonstrem o que, no início, não passam de suspeitas.

Para fazer esta análise seguiremos os passos formulados pela autora: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise, são organizados os documentos e formuladas as hipóteses e o objetivo do estudo, além de realizado o primeiro contato com os materiais de pesquisa. A segunda etapa consiste na exploração do material de análise, onde é aprofundado o que foi feito na primeira fase, e o conteúdo é codificado de acordo com definições previamente estabelecidas. Por fim, o último momento é a interpretação dos resultados, onde descobertas são realizadas baseadas nas informações obtidas pela análise.

Na pré-análise após o contato com todas as publicações optou-se por analisar integralmente os sete episódios que compõem a série. Assim, seguimos as normas estabelecidas por Bardin (2009) que salientam a importância da exaustividade e não-seletividade, ditando que uma vez definidos os elementos do *corpus*, é preciso considerar todos os elementos sem exclusão de nenhuma parte por motivos não-justificáveis. Na sequência definimos que o material a ser analisado serão trechos selecionados a partir de um critério pré estabelecido, que seguirá o mesmo todos os episódios. Em cada capítulo, em algum momento, que nem sempre foi na mesma minutagem, o autor apresenta o tema central do podcast. Voltaremos

nossa atenção para os primeiros minutos seguintes à vinheta de abertura. A maneira como o texto é escrito tem pequenas variações de um episódio para outro, mas todos têm o mesmo conteúdo e é de fácil localização dentro da narrativa. Antes, porém, listaremos e descreveremos brevemente cada um dos episódios a fim de detalhar o enredo sobre o qual vamos nos debruçar e basear os valores-notícia de Nelson Traquina (2013).

O primeiro episódio introduz a pessoa que é tida como a principal personagem da narrativa. Na primeira metade do podcast, o autor descreve um conflito durante a poda de uma árvore feita pela prefeitura de São Paulo em uma antevéspera de Natal. Ela alega existir um complô da administração pública com as empresas responsáveis pela poda para ganharem dinheiro com o corte de árvores saudáveis em São Paulo. No tempo restante, contextualiza brevemente quem é Margarida Bonetti, a pessoa que briga contra a retirada da árvore. Em jargão jornalístico podemos dizer que o autor utiliza um grande nariz-de-cera para introduzir o podcast. No segundo episódio, o podcast se aprofunda nas histórias sobre o casarão abandonado a partir do ponto de vista dos vizinhos que moram na região. Já no episódio seguinte, a narrativa acompanha o autor Chico Felitti em uma viagem à cidade de Gaithersburg, nos Estados Unidos, local onde os crimes do qual a personagem principal é acusada foram cometidos. Lá, ele conta que na rua onde os Bonetti moraram impera uma espécie de pacto de silêncio. No quarto episódio da série, a Folha de S. Paulo reconta os passos de como Margarida fugiu da justiça norte-americana vindo para o Brasil. Além disso, tenta mostrar como está o então marido dela na época dos crimes, Renê Bonetti, que ficou nos Estados Unidos. Ele foi julgado e cumpriu pena por submeter uma mulher negra em condições análogas a escravidão.

No episódio de número cinco, *A Mulher da Casa Abandonada* conta outras histórias similares de exploração de trabalho doméstico que aconteceram recentemente no Brasil. Pela primeira vez, os ouvintes têm contato com especialistas trazidos como fonte na série. Pesquisadoras explicam a escravidão contemporânea e os motivos da prática ainda se perpetuar no país. O sexto episódio mostra a saga do autor para tentar contato com Margarida Bonetti, enquanto responde se ela ainda pode ser responsabilizada pelos crimes cometidos 20 anos atrás. Por fim, o sétimo episódio traz uma entrevista com a personagem, que se defende das acusações alegando que a justiça norte-americana, o FBI,

congressistas e advogados armaram um complô para aprovar uma lei que aumenta a proteção de empregadas domésticas estrangeiras nos Estados Unidos.

## 5. O JORNALISMO E O PODCAST A MULHER DA CASA ABANDONADA

Neste capítulo retomamos os critérios de noticiabilidade elencados por Traquina (2013) aplicando-os ao objeto selecionado e concluiremos se, afinal, existiam elementos jornalísticos suficientes para sustentar a narrativa do podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, produzido pela Folha de S. Paulo. Toda a seleção considerada para esta análise toma como base o texto inicial de cada episódio do podcast *A Mulher da Casa Abandonada*. Para exemplo, no primeiro episódio o texto de abertura, rodado por volta dos cinco minutos da narrativa, é o seguinte:

Eu sou Chico Felitti e esse é *A Mulher da Casa Abandonada*, um podcast investigativo da Folha que revela a inacreditável história de uma brasileira que vive há décadas numa mansão decadente em um dos bairros mais ricos do país. Que se esconde nas sombras da decadência, porque é procurada nos Estados Unidos por um dos crimes mais hediondos que uma pessoa pode cometer.

### 5.1 A Mulher<sup>25</sup>

Trecho selecionado neste episódio: [...] *De volta para a praça Vilaboim na antevéspera de Natal. A mulher baixa parece inconformada. A mulher alta só olha para ela e ouve. Às vezes balança a cabeça. A que fala sem parar conta que já derrubaram uma árvore da praça semanas antes, e que ela até tentou impedir. Mas não conseguiu [...] A máscara gruda no rosto da mulher porque ele tá inteiro besuntado. Coberto por alguma substância grossa, que pode ser um tubo inteiro de base. Ou de pomada para assadura, não dá para saber. E a máscara cirúrgica tá empada, grudada à pele, transparente por causa da papa oleosa. Mas isso não impede que ela continue falando [...] Essa mulher, que ainda não se apresentou, tem uma teoria. Para ela, os funcionários da prefeitura estão trabalhando na manhã da antevéspera de Natal para aproveitar que a cidade está vazia, porque não querem ser notados. Ela defende que eles agem na surdina, derrubando árvores saudáveis só para ganhar por isso. Que a derrubada da árvore de Higienópolis na véspera da véspera de Natal, é na verdade, uma grande parte de um esquema de desvio de*

---

<sup>25</sup> O minuto exato do trecho analisado neste episódio pode ser conferido em: [https://youtu.be/YsgkO39\\_MiY?t=335](https://youtu.be/YsgkO39_MiY?t=335) Acesso em: 28 fev. 2023.

*recursos públicos, que envolve laudos falsificados e empresas mal-intencionadas (...)*

Neste primeiro episódio, não foram encontrados nenhum dos critérios de noticiabilidade listados e descritos por Traquina (2013). O trecho selecionado faz parte de uma grande introdução utilizada pelo autor para apresentar a mulher que será a personagem principal da narrativa. Durante quase metade do primeiro episódio, a história se desenrola em uma sequência de diálogos entre a mulher da casa abandonada e vizinhos ou funcionários da prefeitura de São Paulo. Margarida Bonetti reclama e protesta contra o corte de uma árvore condenada pelo poder municipal.

É importante salientar, no entanto, que os ouvintes são conduzidos através desse acontecimento, o corte da árvore, sem saber quem é a pessoa que está sendo descrita ali. Ela não recebe um nome, nem um contexto. Os minutos iniciais apenas guiam o público a criar um sentimento de expectativa sobre o que se trata e no que vai se desenrolar a confusão.

## **5.2 A Casa<sup>26</sup>**

Trecho selecionado neste episódio: [...] *Dias depois de descobrir a história e o nome verdadeiro de Margarida. Eu me encontrei com uma pessoa que já sabia de tudo isso faz muitos anos. Mari Muradas é uma mulher jovem e sorridente, que me recebe no playground de um prédio a um quarteirão da casa abandonada. É a sogra dela que mora lá. E ela tá lá numa manhã de sábado porque tem um parquinho para o filho dela brincar com os vizinhos. A Mari Muradas mora a passos dali. A casa dela dá, literalmente, para a casa de Mari. Que na verdade se chama Margarida. Ela vê a casa abandonada todo dia, o dia todo. O jeito que eu conheci a Mari Muradas foi peculiar. Dias depois de ter visto a foto da mulher da casa abandonada em uma revista americana, eu encontrei um amigo na padaria. Faz quase 20 anos que eu conheço o Edu Zanelato, então eu achei que podia confiar a ele esse segredo que tava quicando no meu peito. Eu sussurrei a história pensando que era uma*

---

<sup>26</sup> O minuto exato do trecho analisado neste episódio pode ser conferido em: <https://youtu.be/h6bM3xq-4HY?t=130> Acesso em: 28 fev. 2023.

*informação bombástica. E ele foi a primeira pessoa a me abrir os olhos. Ou os ouvidos, no caso. Ele me respondeu:*

*“Cara, que engraçado você me conta essa história, Chico. Porque tem uma amiga, Mari, que mora num prédio que fica meio nos fundos da casa dela. E ela me contou uma história muito doida, assim, dessa mulher que tem uma história bem complicada de ter mantido uma pessoa em condição de trabalho análogo a escravidão e tal. E tem essa coisa assim, quando você passa ali na frente da casa, né? Aquela coisa meio abandonada num lugar super chique de Higienópolis e tal. Mas eu sempre sinto uma energia bem estranha.”*

*Quem contou foi uma amiga dele que, por coincidência, era vizinha da casa abandonada. Essa amiga é a própria Mari Muradas, com quem ele e a esposa fizeram um curso de como se preparar para o parto, e que depois virou uma amiga do casal e ele nos apresentou. Me levou um dia para o parquinho onde a filha dele brinca com o filho da Mari [...]*

Neste segundo episódio foram identificados os seguintes critérios de noticiabilidade: inesperado e dramatização. O inesperado pode ser identificado pela coincidência no encontro entre o autor, Chico Felitti, e a Mari Muradas. O encontro dos dois foi proporcionado por um amigo em comum. Além disso, o autor chegou até a história do crime cometido pela mulher abandonada por um comentário escrito por Mari Muradas em uma página de arquitetura, visitada por ele para saber mais sobre a “mansão em pandarecos” que destoa da paisagem de enormes construção do bairro Higienópolis, em São Paulo.

Já a dramatização, pode ser observada pela forma com o texto é construído e narrado. As frases foram escritas para envolver mais do que para comunicar. Pela maneira como o trecho é conduzido é possível associar a breve descrição de espetáculo, apresentada no segundo capítulo deste trabalho, já que o texto não acrescenta informação, é só uma narrativa recheada de detalhes atrativos.

No fragmento a seguir, uma sonora do amigo de Chico Felitti, é possível exemplificar: “e tem essa coisa assim, quando você passa ali na frente da casa, né? Aquela coisa meio abandonada num lugar super chique de Higienópolis e tal. Mas eu sempre sinto uma energia bem estranha”. A escolha do trecho reforça a criação



de uma atmosfera sombria, dando ênfase ao lado emocional. Além disso, no fragmento “faz quase 20 anos que eu conheço o Edu Zanelato, então eu achei que podia confiar a ele esse segredo que tava quicando no meu peito. Eu sussurrei a história pensando que era uma informação bombástica”, o uso das palavras “segredo”, “sussurrei” e “bombástica” comprovam o recurso da dramatização.

### 5.3 Uma Rua em Silêncio<sup>27</sup>

Trecho selecionado neste episódio: [...] Foi a esse bairro rico e pacato que um casal brasileiro chegou no fim dos anos 70. O ano era 1979 e Renê Bonetti tinha recebido um convite de prestígio. Renê, engenheiro da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, era considerado um prodígio pelos colegas do departamento de engenharia elétrica. Até que decidiu romper com a universidade e dizer sim para uma proposta da Intelsat, uma das maiores empresas de satélites espaciais do mundo. A vaga de emprego era nos Estados Unidos e vinha com casa e passagens, tanto para o casal quanto para um funcionário que eles quisessem levar para o país. Rene e Margarida não tinham nem 30 anos de idade na época.

Até pouco tempo antes de se casar, e de em seguida se mudar para os Estados Unidos, ela ainda morava com os pais na casa em Higienópolis, que hoje eu chamo de casa abandonada. A mansão que leva o nome do pai dela. Quando os dois anunciaram que estavam de partida para o subúrbio de Washington, os pais de Margarida insistiram que eles levassem uma empregada doméstica que trabalhava na casa, desde que era adolescente. Uma empregada analfabeta, que nunca teve oportunidade de ir à escola. Uma amiga da família me disse que a empregada foi um presente de mudança. Como se fosse possível dar uma pessoa de presente a outra. Não era só possível, como foi o que aconteceu. Essa era a mesma empregada para quem eles pararam de pagar o salário assim que ela entrou na casa americana. Essa história eu já saí do Brasil sabendo. Eu vim para os Estados Unidos na missão de descobrir detalhes e o paradeiro do ex-marido e da ex-vítima de Margarida. Então, eu me boto a andar pelo bairro, onde o crime foi descoberto 20 anos atrás [...]

---

<sup>27</sup> O minuto exato do trecho analisado neste episódio pode ser conferido em: <https://youtu.be/EvddhLeeHiw?t=283> Acesso em: 28 fev. 2023.

Neste terceiro episódio o critério de noticiabilidade destacado é a notoriedade. O trecho se apega em descrever quem é Renê Bonetti, marido de Margarida na época em que os crimes foram cometidos. No fragmento selecionado ele é apresentado como um par singular inserido num grande grupo heterogêneo. Renê é um engenheiro considerado prodígio, rico e membro da elite paulistana. A ele são atribuídas uma série de qualidades positivas socialmente para reforçar o destaque dele. Esta simples descrição é feita para legitimar o interesse na história.

Se o mesmo crime tivesse sido cometido por alguém sem a influência de Renê ou da família de Margarida, o interesse midiático não seria tão forte. Existe uma certa percepção empírica que não associa homens ricos e brancos a crimes hediondos, à eles sempre cabe o benefício da dúvida. Nas histórias contadas em livros infantis e didáticos eles são os heróis e também os grandes salvadores. A infração, a transgressão de regras e o conflito é esperado de pessoas negras, uma vez que, de acordo com esse mesmo pensamento, elas são as grandes vilãs da sociedade e não as vítimas. O encarceramento em massa da população negra comprova isto. Por este motivo, Renê Bonetti, por ser quem é, justifica o interesse jornalístico baseado na notoriedade do ator principal.

#### **5.4 Uma Mulher e um Homem Livres<sup>28</sup>**

Trecho selecionado neste episódio: [...] *Voltamos à casa de Vicky Schneider em Gaithersburg, no estado de Maryland. A vizinha que se aproximou da empregada dos Bonetti e ajudou a procurar a justiça. No começo do ano 2000, Rene e Margarida foram oficialmente acusados. Eram três as acusações. A primeira de ter mantido uma empregada doméstica em regime análogo a escravidão por quase duas décadas. A segunda é que Renê teria conspirado com Margarida para manter uma imigrante ilegal no país, afinal o visto de trabalho da empregada passou quase 15 anos vencido. A terceira acusação era de tê-la submetido a maus tratos e colocado a vida dela em risco. Foi no começo do ano 2000 que o caso veio a público. Por mais que o FBI tivesse passado os dois anos anteriores investigando e por mais que a ex-empregada já tivesse vivendo escondido em uma igreja. A vizinha Vicky teve de seguir a vida por esses dois anos, como se não fosse ela a pessoa*

---

<sup>28</sup> O minuto exato do trecho analisado neste episódio pode ser conferido em: <https://youtu.be/SbZ6aps8kBM?t=127> Acesso em: 28 fev. 2023.

*que fez a denúncia. Algumas vezes por mês ela cruzava com Renê. Mas conforme o tempo ia passando, cada vez mais os vizinhos brasileiros tinham certeza de que ela tava envolvida na denúncia. Até que um dia, no estacionamento da igreja, Renê deu uma prensa nela. E Vicky que disse a verdade.*

*“Eu estava no meu carro e ele passou e disse ‘oh Vicky, como vai?’ Eu disse: estou bem. Ele perguntou ‘você tem visto a empregada?’ E eu disse que sim. ‘Você pode dizer para ela que eu mandei um oi?’ Dá para imaginar isso”*

*Vicky vivia com a pressão de ser a única pessoa, além do FBI, a saber onde estava escondida a mulher que por anos morou na casa dos Bonetti. E também vivia com outra espada imaginária sobre a cabeça dela, a possibilidade da empregada não querer denunciar os antigos patrões [...]*

Neste trecho selecionado do quarto episódio da série identificamos apenas o critério da infração, mas de maneira sutil. Nesta parte o autor descreve os crimes pelos quais o casal Bonetti era acusado, são três ao todo. No entanto, as informações com valor-notícia param por aí. Na sequência é retomado o depoimento de uma das principais testemunhas do caso, que serve apenas como ilustração da história mas que nada agrega jornalisticamente.

### **5.5 Outras Tantas Mulheres<sup>29</sup>**

Trecho selecionado neste episódio: [...] *Estamos em Minas Gerais. Pode ser que o nome de Madalena soe familiar. O caso dela ficou conhecido em dezembro de 2020, quando foi revelado em uma reportagem no Fantástico, da TV Globo.*

*“Com cuidado, a Madalena vai conhecendo novas paisagens e experiências que são cotidianos para muitos de nós, mas inéditas para ela. Como andar em um parque, livre. Madalena Gordiano passou os últimos 38 anos sem poder comandar a própria vida”*

---

<sup>29</sup> O minuto exato do trecho analisado neste episódio pode ser conferido em: <https://youtu.be/OSiNJfOfpQo?t=244>

*A história mexeu com o país inteiro e Madalena virou um símbolo de liberdade. Até hoje, um ano e meio depois da notícia ser destaque, ela é reconhecida na rua.*

*“Aí eu tava na rua e o ciclista de bicicleta passou assim: ‘ei Madalena, liberdade, Madalena’”*

*Se você viu a reportagem ou as outras matérias que saíram sobre o assunto, vai se lembrar que Madalena não viveu a vida inteira no apartamento de onde foi resgatada, em Patos de Minas. E que Dalton e Valdirene não foram os primeiros a reduzi-la a situação de trabalho análogo ao de escravo. Tudo começou quando Madalena tinha 8 anos e, perdida de fome, bateu na porta de uma casa de uma mulher, em São Miguel do Anta, para pedir um pedaço de pão. Essa mulher era a mãe de Dalton, Maria das Graças Milagres Rigueira, uma professora. Em vez de apenas dar comida para Madalena menina, Maria das Graças, que era branca, se ofereceu para adotá-la. E a intenção não era altruísta. Na verdade, não tinha nada de caridoso naquele ato. A proposta era antes de tudo uma condição. Maria das Graças, só daria comida à criança se ela fosse morar na casa dela e se pudesse adotá-la. Era um acordo de trabalho oculto. Nas letras pequenininhas do contrato invisível, tava a descrição do papel a ser cumprido pela criança naquela casa. A mãe de Madalena, vulnerável e com outros oito filhos para cuidar, foi convencida a entregar a filha para Maria das Graças e Ivani Rigueira, o marido dela.*

*“Aí eu fui lá morar com ela e me chamou para trabalhar e lá eu fiquei”*

*A partir desse momento, a menina de 8 anos deixou de ser criança. A adoção prometida não foi mais longe do que uma jogada de marketing. E logo depois de se mudar para a casa de Maria das Graças Madalena começou a ter que cuidar de todos os serviços domésticos. A família Milagres Rigueira também atirou da escola e Madalena passou as próximas quase quatro décadas com o direito de estudar negado. E sem acesso a qualquer tipo de informação [...]*

Neste quinto episódio foram identificados que o autor utilizou a personalização e a consonância como critérios de noticiabilidade. Em primeiro lugar destacamos a personalização, uma vez que ao trazer um personagem com nome e

sobrenome, vítima do mesmo crime narrado na história de *A Mulher da Casa Abandonada*, aproxima o público que está ouvindo. Fazendo isso, Chico Felitti busca gerar uma maior identificação com o público, já que o se trata de um acontecimento recente e mais próximo geograficamente. As pessoas não conseguem dimensionar quem é a vítima do podcast, mas consegue materializar Madalena Gordiano.

Enquanto isso, a consonância se caracteriza por mostrar que o caso da casa abandonada não é isolado, ou seja, insere a história numa narrativa social já conhecida. A história de Madalena foi amplamente divulgada nos canais de televisão abertos e jornais. Além disso, quando o caso veio à tona foi noticiado em horário nobre de uma das principais emissoras brasileiras. Portanto, o autor insere a narrativa nova, a história da mulher da casa abandonada, em uma já conhecida pelo grande público. Fazer essa correlação ajuda a atender as expectativas do público. O caso da vítima da família Bonetti não é isolado, muito pelo contrário como detalhamos na introdução deste trabalho. Essa ação ajuda a trazer contexto para os ouvintes do podcast.

Neste episódio, entre todos, notamos haver uma maior preocupação em construir uma narrativa com mais cara de jornalismo. A forma e o tom que as informações são conduzidas no quinto episódio diferem bastante dos demais. *Outras Tantas Mulheres* é dedicado inteiramente a relatar outros casos de mulheres submetidas a trabalho análogo a escravidão. Além disso, a narrativa baseada na contação de uma história é suavizada, dando espaço para para a contextualização desse tema no cenário nacional com a contribuição de fontes especialistas que agregam de maneira significativa.

## 5.6 Um Fim que Não É Bem um Fim<sup>30</sup>

Trecho selecionado neste episódio: [...] *Depois de cinco meses, eu tô na esperança de dar um fim nessa história. É uma expectativa modesta. Bem mais mixa do que os planos de meses atrás. Quando eu descobri que a mulher da casa abandonada era uma foragida, talvez tenha brotado em mim a expectativa de resolver alguma coisa. De ligar para o FBI e dizer: “tá aqui essa pessoa que vocês procuram”. E que um*

---

<sup>30</sup> O minuto exato do trecho analisado neste episódio pode ser conferido em: [https://youtu.be/NlicsxoQ7Pw?list=PLEU7Upkdqe7Gy\\_dR5-4-4Sx28T3499XUF&t=184](https://youtu.be/NlicsxoQ7Pw?list=PLEU7Upkdqe7Gy_dR5-4-4Sx28T3499XUF&t=184) Acesso em: 28 fev. 2023.

*helicóptero então fosse descer do céu e apreender uma pessoa procurada pela polícia. A justiça estaria feita. O arco da história taria completo. Mas eu já adianto, dou um spoiler mesmo. Isso não vai acontecer. Porque essa história é real. E não uma ficção escrita por um estúdio de Hollywood. Acontece que eu escondi uma coisa de vocês até agora, de propósito. E eu peço desculpa, sem realmente sentir culpa, porque era importante para a história que eu deixasse para contar só agora. Vocês lembram da Mari Muradas? A doula que mora perto da casa abandonada? A vizinha que primeiro pensou em ajudar a senhora que morava na mansão em pandarecos, até descobrir que ela era acusada de ter mantido uma empregada em condições análogas à escravidão por quase 20 anos? Pois é. A Mari é cidadã americana e no auge da indignação dela ao descobrir quem era a mulher da casa abandonada, ela entrou em contato com o FBI.*

*“Eu mandei e-mail para falar: ‘essa mulher tá aqui’”*

*A Mari Muradas passou o nome completo e endereço de uma foragida. Isso faz mais de dois anos. E por mais que a gente não saiba o que a Polícia Federal Americana fez com essa informação, a gente sabe de outra coisa: o que ela não fez. A Margarida não foi presa. Ela continua num exílio auto imposto na casa abandonada. Ela não foi julgada pelos crimes. Ela continua livre para ralar com os funcionários da prefeitura de São Paulo que estão podando uma árvore na antevéspera do Natal. É uma mulher que sai pouco por escolha, não porque teve a liberdade revogada pela lei. Depois de investigar o caso, encontrar a pessoa que conquistou a liberdade dela e chegar perto do ex-marido de Margarida, que cumpriu a pena dele, resta uma dúvida para essa história. Uma dúvida enorme, tatuada na minha mente. Porque a justiça perdeu Margarida? [...]*

Neste trecho selecionado do sexto episódio do podcast não foram identificados critérios de noticiabilidade utilizados pelo autor. O fragmento contém apenas uma série de questionamentos levados para a audiência e esclarecimentos de assuntos levantados anteriormente que foram deixados sem resposta de maneira proposital para cativar a audiência. No entanto, há um fato peculiar relacionado à condução dos princípios investigativos que merece ser destacado e detalharemos nos próximos capítulos.

## 5.7 A Mulher da Casa Abandonada<sup>31</sup>

Trecho selecionado neste episódio: [...] *A primeira coisa que Margarida faz no segundo minuto de ligação é pedir que eu adie o lançamento desse podcast.*

*“Eu gostaria de saber se a gente pode adiar esse negócio todo porque eu não tenho condições no momento. Mais para frente um pouco sim, entendeu? Tudo bem com você? Não, não posso. Eu preciso entregar essa semana, a série estreia em breve. Ele estreia agora em junho”*

*Vale aqui lembrar que eu tô falando com ela em um dos últimos dias de maio, depois de semanas tentando entrar em contato sem nenhuma resposta.*

*“Então, como um bom jornalista vocês tem que saber, e todos eles sabem, então você deve saber, que tem que ouvir todos os lados antes de publicar qualquer coisa, certo? É verdade? Isso, claro. Por isso que eu procurei a senhora e procurei tanto, né? Fui na casa mais de dez vezes nos últimos dias, liguei em vários horários. Bati e hoje saí correndo na manhã de domingo para falar com a senhora porque me avisaram que a senhora tava lá. Tudo isso em compromisso com outro lado, né? Um compromisso com permitir que a senhora conte a sua versão da história”*

*Margarida, então, começa a se definir sem eu nem ter perguntado. É como se ela tivesse decorado um texto.*

*“Eu quero que você saiba que a minha missão nessa vida, isso é importantíssimo para mim, em tudo que eu faço, o que eu falo, o que eu penso. Aonde eu consigo estender minhas mãos para agir, das minhas palavras, as minhas ações, é para fazer prevalecer o que é bom, o bem, o que é certo, o que é justo e o que é reto, correto, entendeu?”*

*Ela se embanana e tenta de novo.*

---

<sup>31</sup> O minuto exato do trecho analisado neste episódio pode ser conferido em: [https://youtu.be/iRvavZYh0fl?list=PLEU7Upkdqe7Gy\\_dR5-4-4Sx28T3499XUF&t=226](https://youtu.be/iRvavZYh0fl?list=PLEU7Upkdqe7Gy_dR5-4-4Sx28T3499XUF&t=226) Acesso em: 28 fev. 2023.

*“Então é bom e o bem o que é certo. Ah, já sei é desculpa que eu tô com sono ainda vai mexer o que é o que é bom e o bem” [...]*

Neste trecho do sétimo, e último, episódio também não foram encontrados critérios de noticiabilidade utilizados pela narrativa. Este episódio em específico, que fecha a série, tem uma característica peculiar. Ele é todo baseado em um diálogo entre Chico Felitti e Margarida Bonetti, a mulher que mora na mansão abandonada do bairro Higienópolis. Ela contesta a história apresentada por ele, tenta convencê-lo a adiar o lançamento do podcast e tenta vender uma boa imagem de si mesma. Além disso, a mulher apresenta teorias da conspiração semelhantes às mostradas no primeiro episódio quando reclamava o corte de uma árvore. Portanto, este episódio se diferencia dos demais onde uma narrativa foi montada para construir a história. Neste episódio o único recurso utilizado foi a entrevista com a mulher da casa abandonada, com Chico Felitti intervindo e trazendo contrapontos para as respostas de Margarida Bonetti.

## 5.8 Critérios utilizados e desfechos

**Quadro 1 - Aplicação dos valores-notícia de Nelson Traquina**

Episódios	Valor-notícia de seleção		Valor-notícia de Construção
	Substantivos	Contextuais	
<b>A Mulher</b>	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia substantivo	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia contextual	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia de construção
<b>A Casa</b>	O <b>inesperado</b> está presente no trecho selecionado	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia contextual	A <b>dramatização</b> está presente no trecho selecionado
<b>Uma Rua em Silêncio</b>	A <b>notoriedade</b> está presente no trecho selecionado	Não foram identificados nenhum indício de	Não foram identificados nenhum indício de



		valor-notícia contextual	valor-notícia de construção
<b>Um Homem e Uma Mulher Livres</b>	A <b>infração</b> está presente no trecho selecionado	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia contextual	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia de construção
<b>Outras Tantas Mulheres</b>	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia substantivo	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia contextual	A <b>consonância</b> e a <b>personalização</b> estão presentes no trecho selecionado
<b>Um Fim que Não É Bem um Fim</b>	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia substantivo	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia contextual	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia de construção
<b>A Mulher da Casa Abandonada</b>	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia substantivo	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia contextual	Não foram identificados nenhum indício de valor-notícia de construção

Fonte: Aplicação dos valores-notícia de Nelson Traquina elaborado pela autora

Retomando todas as avaliações feitas anteriormente, foram encontrados os seguintes critérios de noticiabilidade: inesperado, notoriedade, infração, dramatização, personalização e consonância. Três destes são classificados como critérios de seleção substantivos e três são considerados como critérios de construção. Não foram identificados critérios contextuais e nenhum se repetiu ao longo dos trechos selecionados, conforme se observa no quadro acima. É importante frisar que a análise, aqui empregada, não exclui a possibilidade de haver a presença de critérios de noticiabilidade em outros trechos dos episódios. No entanto, para que o estudo pudesse ser feito, precisamos partir de algum recorte ou, como jornalistas gostam de dizer, enquadramento.

Além da identificação destes seis critérios de noticiabilidade, a análise nos permitiu uma outra observação pertinente relacionada aos princípios do jornalismo investigativo trazidos no terceiro capítulo deste trabalho. Existe uma incompatibilidade no que os estudiosos nos dizem e o que foi feito na construção da

narrativa do podcast. É inegável que de fato o autor empregou tempo, esforço, muita atenção e paciência para desvendar os detalhes da história que ele narra. No entanto, ele esconde uma informação importante do público. E afirma isso, com todas as letras. Foi uma decisão consciente.

No sexto episódio, Chico Felitti anuncia que dará um spoiler ao ouvinte, na sequência relata que escondeu uma informação ao longo dos episódios anteriores que será revelada somente naquele momento e pede desculpas por isso, dizendo o seguinte: *“Eu peço desculpa, sem realmente sentir culpa, porque era importante para a história que eu deixasse para contar só agora.* A informação que ele guardou para o penúltimo episódio é que, apesar da expectativa criada sobre o final da história, sobre o que aconteceria com Margarida Bonetti, sobre a possibilidade da justiça fosse feita, nada vai acontecer. Isso porque Mari Muradas, uma das fontes usadas ao longo do podcast, era cidadã americana e já havia entrado em contato com o FBI para denunciar o paradeiro da mulher da casa abandonada. Acontece que a denúncia não deu em nada, por motivos não descobertos, e Margarida continuou impune. A principal questão que surge do ponto de vista jornalístico é: por que guardar essa informação para o sexto episódio?

Diante disso, refletimos sobre o que nos apontou Fortes (2012) ao dizer que é preciso lealdade ao leitor, que neste caso é ouvinte, por esse ser o eixo central do trabalho jornalístico. O autor afirma ainda que os resultados da investigação devem ser compartilhados com clareza e simplicidade. O que nos faz refletir sobre a dúvida levantada anteriormente, é que apesar da narrativa se basear em preceitos do storytelling, plot twists<sup>32</sup> devem ser reservados para a ficção e/ou para a dramaturgia e não para relatos jornalísticos. Porventura, eles até podem acontecer, uma vez que a vida é cheia deles e os desdobramentos das pautas não estão ao controle do repórter, mas não calculados e planejados pelo jornalista.

---

<sup>32</sup> O termo “plot twist” se refere a uma mudança radical na direção esperada ou prevista do enredo de um romance, filme, série de televisão, quadrinhos, jogos eletrônicos ou outra obra narrativa. É uma prática muito usada para manter o interesse do público na história, para normalmente surpreendê-los com uma revelação surpresa.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O questionamento principal deste estudo era entender se existiam elementos que justificassem e sustentassem a narrativa do podcast *A Mulher da Casa Abandonada*. Para responder isso, passamos por reflexões teóricas que nos mostraram como foi o surgimento de novas mídias sonoras e por quais as razões, além de apresentar as principais características deste modelo. Passamos também por conceitos que demonstraram as potencialidades de estratégias narrativas para o radiojornalismo que nos ajudaram a entender como os acontecimentos têm sido contados. Além disso, nos debruçamos em teorias para entender como as investigações jornalísticas são feitas, o que é ou não notícia e como essa escolha é feita. Para tal, utilizamos como principal referencial teórico o passo a passo de Leandro Fortes (2012) os valores-notícia de Nelson Traquina (2013), que nos apresentaram uma classificação capaz de nos ajudar a compreender o objeto de pesquisa.

Concluimos a partir dos apontamentos teóricos apresentados nos primeiros capítulos deste estudo e pela análise realizada que, o podcast *A Mulher da Casa Abandonada*, produzido pela Folha de S. Paulo, utilizou alguns critérios de noticiabilidade para balizar e justificar a sua produção. Dos 22 critérios de noticiabilidade descritos por Traquina (2013), o podcast utilizou seis. De maneira equilibrada, foram utilizados critérios de seleção — que dizem respeito à escolha do jornalista por determinado assunto — e de construção — características empregadas na construção do texto determinando o que deve ser realçado ou omitido.

Apesar disso, percebemos que para avaliar os aspectos presentes na produção e divulgação da série e analisar como o podcast permitiu (ou não) a dispersão do foco jornalístico, tidos como objetivos desta pesquisa, muitas outras camadas precisavam ser desmembradas para apresentar respostas fortemente conclusivas. Portanto, afirmamos que, dada a complexidade do tema, da pesquisa e do objeto de estudo, não se pretende esgotar a discussão sobre a forma como a narrativa do podcast *A Mulher da Casa Abandonada* foi conduzida, cabendo a possibilidade de novas explorações a partir das reflexões aqui feitas.

Conforme apresentamos no quarto capítulo deste trabalho, Chico Felitti afirmou achar que o podcast “foi se derivando e virando outra coisa que fugiu do

nosso controle”. Examinando esta percepção e diante das teorias e do corpus analisado constatamos que houve falhas ao conduzir o relato da investigação jornalística, o que pode ter contribuído para a situação descrita pelo autor e narrador do podcast. Retomando os questionamentos motivadores presentes na introdução deste estudo, a investigação jornalística de um crime real pode ter sido transformada em entretenimento pelas estratégias de narrativa utilizadas por Chico Felitti, que muito se assemelha com características ficcionais. As discussões da grande maioria dos ouvintes giraram em torno da ideia de uma personagem excêntrica, que vive em condições insalubres e em uma casa abandonada. Todos esses adjetivos não surgiram da interpretação dos ouvintes, eles estão presentes no podcast. Contrariando, mais uma vez, o que Leandro Fortes (2012) nos diz sobre jornalismo investigativo. O autor salienta que frieza, objetividade e precisão são fundamentais para narrar uma investigação. O jornalista deve dizer apenas os fatos da maneira mais clara possível que o ouvinte fará a decodificação da informação atribuindo os adjetivos que achar pertinentes ao sujeito.

Ao refletir se os jornalistas precisam se atentar para os sentidos que são mobilizados ao utilizar qualquer tipo de estratégia narrativa, entendemos que essa pode ser sim uma medida para impedir desdobramentos que descredibilizam a produção. Com as ideias apresentadas, vemos que o podcast *A Mulher da Casa Abandonada* é uma produção seriada, que utiliza recursos do radiojornalismo e se beneficia da técnica do storytelling. E vimos também que essa estratégia busca realçar sentidos a depender da maneira que for administrada, logo o jornalista precisa prestar atenção nisso. No primeiro capítulo, inclusive, Chico Felitti fala sobre outras histórias de casas abandonadas, todas de ficção, e relaciona a história de Margarida Bonetti à filmes de terror. Uma atriz também é convidada para ler um trecho de um conto de terror reforçando a criação dessa atmosfera.

Conseqüentemente, podemos entender que o jornalista exerce certa responsabilidade sobre como o público recebe um conteúdo e ao notar que algo está fugindo do controle pode tomar medidas, ainda no campo jornalístico é claro, para tentar reverter essas situações. Acreditamos que de uma maneira simples, a Folha de S. Paulo tentou fazer isso, quando a partir do quinto episódio passou a inserir a seguinte mensagem: “Esse podcast é uma reportagem que se baseou em registros de um caso de notório interesse público. (...) A Folha condena qualquer tipo

de agressão e perseguição contra as pessoas aqui retratadas.” Entretanto, a discussão sobre a eficácia ou não desta ação não cabe aqui.

Ressaltamos aqui mais indícios de que de acordo com dados da Divisão de Fiscalização para Erradicação do Trabalho Escravo (Detrae), pertencente a pasta do Ministério da Economia, desde 2003 até 2021, mais de duas mil mulheres foram resgatadas de trabalhos análogos a escravidão no Brasil<sup>33</sup>. Observamos que a história foi tratada de maneira leviana permitindo a dispersão do foco principal que, do ponto de vista do jornalismo, acreditamos que era discutir a escravidão contemporânea. Identificamos que medidas poderiam ter sido tomadas pelos criadores do podcast para tentar diminuir a probabilidade dessa narrativa, que não deixa de ser importante jornalisticamente como vimos pelos critérios de noticiabilidade, dispersar do tema central.

Seguindo os preceitos da narrativa aqui estudada, voltamos ao início desta pesquisa, onde ressaltando a obrigação e o dever do jornalismo em mostrar assuntos complexos permitindo que sejam discutidos pela sociedade e destacando que esses debates terão como guia a maneira que foram abordados. A partir disso, concluímos que o podcast, da maneira como foi construído deixa de trabalhar sua complexidade com que concordamos com autoras como Ana Paula Luckman e Virginia Fonseca (2017, p. 172) é algo essencial já que “pensar com complexidade não significa encontrar todas as respostas, mas saber fazer novas perguntas, e essa atitude parece essencial para o jornalismo, que integra um ambiente midiático mutante, cada vez mais amplo e diversificado.” Diante disso, entendemos que o podcast *A Mulher da Casa Abandonada* não precisava nos trazer respostas, mas poderia ter desenvolvido um roteiro de questionamentos mais profundos.

---

<sup>33</sup> Disponível em:

<https://www.brasilefato.com.br/2022/03/08/mais-de-2-3-mil-mulheres-foram-resgatadas-de-trabalhos-analogos-a-escravidao-desde-2003> Acesso em: 15 mar. 2023.

## REFERÊNCIAS

- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, E. **Teorias do rádio: texto e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI; Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**, p.679-684. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17> Acesso em: 10 de set. 2022.
- CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da; MANTELLO, Paulo Francisco. Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 56–67, 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/185>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2001.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- FILHO, André Barbosa. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LÜCKMAN, Ana Paula; FONSECA, Virginia. Contexto e contextualização no jornalismo: uma proposta conceitual. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 162-174, 2017.
- LUIZ, Lucio. **Reflexões sobre o Podcast**. Rio de Janeiro: Marsupial, 2014.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM (33., 2010, Caxias do Sul). **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0302-1.pdf> Acesso em: 25 fev. 2022.

NEGRINI, Michele; AUGUSTI, Alexandre Rossato. **O legado de Guy Debord: reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra.** 2013 Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/negrini-augusti-2013-legado-guy-debord.pdf> Acesso em: 27 fev. de 2023.

NORONHA, Mariana Galvão. As especificidades do jornalismo investigativo: um estudo sobre o processo de produção jornalística investigativa. 2017. 214 f. Dissertação (Mestrado em Processos Jornalísticos) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017. Disponível em: <http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/64> Acesso: 18 fev. 2023.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto**, Porto Alegre, n. 13, p. 64–87, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4210>. Acesso em: 27 fev. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REGINATO, Gisele Dotto. As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/140809/000992317.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso: 18 fev. 2023

RELLSTAB, Clara C. Marcelo Kischinhevsky: novas perspectivas para os estudos de podcast no Brasil. **Revista Alterjor**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 171-174, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/193344>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SAKAMOTO, Leonardo. **Escravidão Contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2020.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos.** Petrópolis: Vozes, 2010.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional v.2** Florianópolis: Editora Insular, 2013.

VIANA, Luana. O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting. **RuMoRes**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 286-305, 2020a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>. Acesso em: 27 fev. 2023.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM (43., 2020, Salvador). **Anais...** São Paulo: Intercom, 2020b. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0429-1.pdf> Acesso em: 30 jul. 2022.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No Ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.